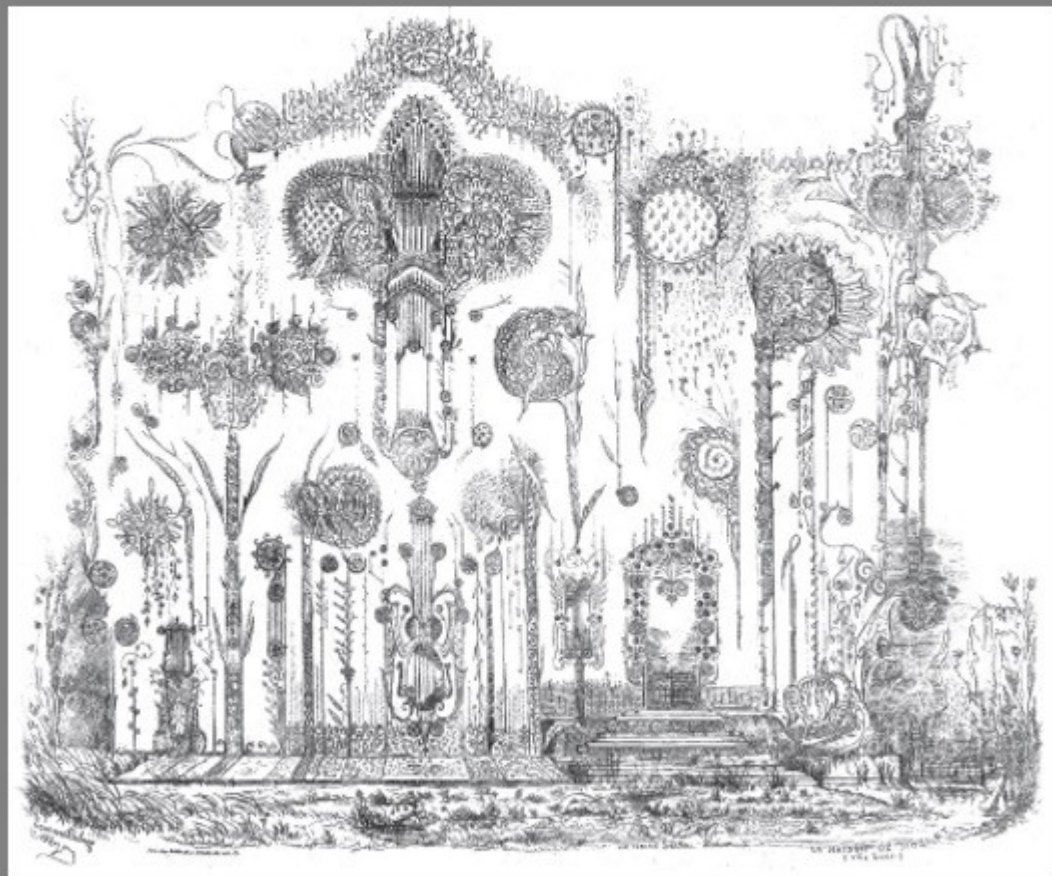


Allan Kardec e as informações sobre Júpiter



Paulo Neto

Allan Kardec e as informações sobre Júpiter

(Versão 2)

“A verdadeira força da compreensão consiste em não deixar o que sabemos confundir o que não sabemos.” (RALPH WALDO EMERSON)

“O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente, e, por aí, dar lugar a uma crítica fundada.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2022 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

Anexo da *Revista Espírita*, mês de agosto.

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, 03 de novembro de 2022.

Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	7
Informações sobre Júpiter.....	11
Espíritos superiores habitantes de Júpiter que se manifestaram.....	55
Os equívocos do astrônomo francês Camille Flammarion.....	66
Conclusão.....	93
Referências bibliográficas.....	95
Dados biográficos do autor.....	98

Prefácio

Foi com grande alegria que recebi do conhecido e conceituado pesquisador, escritor e expositor espírita **Paulo Neto**, a solicitação para prefaciar mais essa excelente obra de sua autoria, que tem por título: **“Allan Kardec e as informações sobre Júpiter”**, fruto de sua conhecida dedicação às pesquisas dos assuntos de relevante interesse para nós espíritas, com o conhecido esmero e responsabilidade que lhes são peculiares.

Estou certo de que o leitor encontrará em cada parágrafo deste livro, conteúdo absolutamente fundamentado na codificação espírita e em outras obras de conceituado valor doutrinário com a didática da simplicidade, para uma clara compreensão do assunto nele exposto, pois sabemos o quanto o autor prima pela pureza e seriedade dos assuntos que aborda em suas diversas obras.

A obra é composta por uma coletânea fabulosa de informações sobre a vida em Júpiter, alargando ainda mais nossos conhecimentos sobre tudo que encontramos atualmente escrito ou falado sobre o assunto na literatura espírita, fruto de suas horas dedicadas ao trabalho de pesquisas com o louvável objetivo de trazer valiosos e verdadeiros esclarecimentos pertinentes ao tema a que se propõe.

Paulo Neto cuida sempre de afirmar que não se considera o dono da verdade, mas expõe suas opiniões alicerçados nas pesquisas que empreende e deixa a cada um a liberdade de tirar suas próprias conclusões, conforme palavras suas que aqui transcrevemos abaixo.

“Continuamos a afirmar que ao produzir uma pesquisa nosso objetivo não é contestar a quem quer que seja, nossa intenção é apenas fornecer elementos para que os que forem nos ler tenham condições de formar sua própria opinião, uma vez que nunca tentamos forçar os outros a seguir a nossa concepção originada dessas pesquisas.”

Parabéns caro amigo Paulo Neto, por mais esta valiosa contribuição para o engrandecimento do aprendizado de todos nós, que apreciamos seu digno e respeitado trabalho representado nesta oportunidade pelas belas páginas desta importante e esclarecedora obra.

Finalizo agradecendo a confiança e honra a mim conferidas, de prefaciar **“Allan Kardec e as informações sobre Júpiter”**, com estas singelas palavras.

Francisco Rebouças.

Niterói (RJ), 07/11/2022.

Introdução

De **O Livro dos Espíritos** destacamos a resposta à questão 55 “Todos os globos que circulam no espaço são habitados?”, na qual os Espíritos disseram a Allan Kardec (1804-1869) que sim, e que “o homem na Terra está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição” (1). Sobre isso o Codificador comenta:

Deus povoou os mundos de seres vivos, e todos concorrem para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estejam limitados ao único ponto que habitamos no Universo seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil; Ele deve ter dado a cada um desses mundos uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Nada, aliás, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra pode levar-nos à suposição de que só ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes. (2)

Inicialmente, informamos que nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.

Percebe-se, claramente, que Allan Kardec não só aceitou a ideia de que outros planetas são habitados como também desenvolve argumento que aponta nessa direção.

Nas duas questões seguintes (56 e 57), temos a informação de que a constituição física dos diferentes globos não é a mesma e, por consequência, os seres que os habitam têm organizações diferentes ⁽³⁾, ainda que tenham a forma humana ⁽⁴⁾.

Completando, trazemos um trecho do comentário de Allan Kardec sobre a resposta dos Espíritos à questão 58 quanto à luz e calor do Sol em relação aos planetas mais afastados:

As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que são chamados a viver. Se nunca tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos que alguns seres pudessem viver dentro da água. Assim acontece com outros

mundos, que provavelmente contêm elementos que desconhecemos. [...]. (5)

Então, teremos sérios problemas de compreensão sobre a vida e a constituição física de algum planeta se insistirmos em as querer ver com as que conhecemos na Terra. O exemplo que Allan Kardec deu a respeito dos peixes, nos alerta justamente para não fixarmos no que conhecemos para analisar o que ainda é desconhecido por nós.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. III - Há muitas moradas na casa de meu pai, itens 3 a 5, Allan Kardec, para efeitos didáticos, apresenta a classificação dos mundos, em cinco categorias. Tomaremos do artigo "***Diferentes categorias de mundos habitados***" de autoria do articulista Thiago Bernardes, o seguinte:

A) **Mundos primitivos** – Nos mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana, a vida, toda material, se limita à luta pela subsistência, o senso moral é quase nulo e, por isso mesmo, as paixões reinam soberanas. A Terra já passou por essa fase.

B) **Mundos de expiação e provas** – Nesses

mundos o mal predomina. É a atual situação da Terra, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias.

C) **Mundos de regeneração** – São mundos em que as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta.

D) **Mundos ditosos ou felizes** – São os planetas onde o bem sobrepuja o mal e, por isso, a felicidade impera.

E) **Mundos celestes ou divinos** – São as habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem, visto que todos que aí vivem já alcançaram o cume da sabedoria e da bondade. (6)

Por nossa conta, acrescentamos a essa lista os **mundos transitórios**, caracterizados por serem planetas em formação, cuja superfície é estéril, e destinados somente a habitação temporária de Espíritos desencarnados. (7)

Diante destas informações, poderemos trazer as informações a respeito do planeta Júpiter.

Informações sobre Júpiter

Inicialmente vamos citar esta frase de Allan Kardec “Se a atmosfera da Lua não pode ser percebida, é racional que disso se infere que não exista?” (8), porque julgamos que o seu teor mereça reflexão com o que será visto a respeito de Júpiter a fim de evitarmos conclusões precipitadas.

É na **Revista Espírita 1858** que encontraremos a maioria das informações relativas ao planeta, vamos mencionar todas que trazem elementos significativos a essa nossa pesquisa.

A frase citada consta do artigo “A pluralidade dos mundos”, publicado em março, do qual ainda destacamos:

[...]. Com relação aos seres vivos, não seria negar o poder divino crendo impossível uma organização diferente da que nós conhecemos, quando, sob os nossos olhos, a providência da Natureza se estende com uma solícitude tão

admirável até o menor dos insetos, e **dá, a todos os seres, órgãos apropriados ao meio ao qual devem habitar**, seja sob a água, o ar ou a terra, seja mergulhados na obscuridade ou expostos ao clarão do Sol? Se não tivéssemos jamais visto os peixes, não poderíamos conceber seres vivos na água; não faríamos uma ideia da sua estrutura. Quem poderia crer, ainda há pouco tempo, que um animal pudesse viver um tempo indefinido no seio de uma pedra! Mas, sem falar desses extremos, os seres que vivem sob o fogo da zona tórrida poderiam existir nos gelos polares? E, todavia, há, nesses gelos, seres organizados para esse clima rigoroso e que não poderiam suportar o ardor de um sol vertical. **Por que, pois, não admitiríamos que seres possam estar constituídos de modo a viverem sobre outros globos e num meio todo diferente do nosso?** Seguramente, sem conhecer a fundo a constituição física da Lua, dela sabemos o bastante para estarmos certos de que, tais como somos, ali não poderíamos viver, tanto como não o podemos no seio do Oceano, em companhia dos peixes. Pela mesma razão, os habitantes da Lua, se pudessem vir à Terra, constituídos para viverem sem ar, ou num ar muito rarefeito, talvez muito diferente do nosso, seriam asfixiados em nossa espessa atmosfera, como o somos quando caímos na água. Ainda uma vez, se não temos a prova material e visual da presença de seres vivos em outros mundos, nada prova que não possam existir, cujo organismo seja apropriado a um meio ou a um clima qualquer. O simples bom senso nos diz, ao contrário, que assim deve ser, porque

repugna à razão crer que esses inumeráveis globos que circulam no espaço não são senão massas inertes e improdutivas. A observação nos mostra, deles, superfícies acidentadas por montanhas, vales, barrancos, vulcões extintos ou em atividade; **por que, pois, não haveriam seres orgânicos?** Seja, dir-se-á; que haja plantas, mesmo animais, isso pode ser; mas seres humanos, homens civilizados como nós, conhecendo Deus, cultivando as artes, as ciências, isso será possível?

Seguramente, nada prova, matematicamente, que os seres que habitam os outros mundos sejam homens como nós, moralmente falando; mas, quando os selvagens da América viram desembarcar os Espanhóis, não duvidaram mais que, além dos mares, existia um outro mundo cultivando artes que lhes eram desconhecidas. A terra é salpicada de uma inumerável quantidade de ilhas, pequenas ou grandes, e tudo o que é habitável está habitado; não surge um rochedo no mar que o homem não plante, no instante, sua bandeira. Que diríamos se os habitantes de uma das menores dessas ilhas, conhecendo perfeitamente a existência das outras ilhas e continentes, mas, jamais havendo tido relações com aqueles que os habitam, se cressem os únicos seres vivos do globo? Nós lhes diríamos: Como podeis crer que Deus haja feito o mundo só para vós? **Por qual estranha bizzarria vossa pequena ilha, perdida num canto do Oceano, teria o privilégio de ser a única habitada?** Podemos dizer outro tanto de nós com respeito às

outras esferas. **Por que a Terra, pequeno globo imperceptível na imensidão do Universo, que não se distingue dos outros planetas nem pela sua posição, nem pelo seu volume, nem pela sua estrutura, porque não é nem a menor nem a maior, nem está no centro e nem na extremidade, por que, digo, seria, entre tantas outras, a única residência de seres racionais e pensantes?** Que homem sensato poderia crer que esses milhões de astros, que brilham sobre as nossas cabeças, tenham sido feitos para recrear a nossa visão? Qual seria, então, a utilidade desses outros milhões de globos imperceptíveis a olho nu, e que não servem nem mesmo para nos clarear? Não haveria, ao mesmo tempo, orgulho e impiedade em pensar que assim deve ser? Àqueles que a impiedade pouco toca, diremos que é ilógico.

Chegamos, pois, por um simples raciocínio, que muitos outros fizeram antes de nós, a concluir pela pluralidade dos mundos, e esse raciocínio se encontra confirmado pela revelação dos Espíritos. Eles nos ensinam, com efeito, que todos esses mundos são habitados por seres corpóreos apropriados à constituição física de cada globo; que, entre os habitantes desses mundos, uns são mais, outros são menos, avançados do que nós do ponto de vista intelectual, moral e mesmo físico. Ainda mais, hoje, sabemos que podemos entrar em relação com eles, e deles obter notícias sobre o seu estado; **sabemos, ainda, que não só todos esses globos são habitados por seres corpóreos,**

mas, que o espaço está povoado por seres inteligentes, invisíveis para nós por causa do véu material lançado sobre a nossa alma, e que revelam a sua existência por meios ocultos ou patentes. Assim, **tudo é povoado no Universo, a vida e a inteligência estão por toda parte: sobre os globos sólidos, no ar, nas entranhas da terra, e até nas profundezas etéreas.** Haverá, nessa doutrina, alguma coisa que repugne à razão? Não é, ao mesmo tempo, grandiosa e sublime? Ela nos eleva pela nossa própria pequenez, diferentemente desse pensamento egoísta e mesquinho que nos coloca como os únicos seres dignos de ocupar o pensamento de Deus. (9)

Destaque para “todos esses globos são habitados por seres corpóreos”, que só entenderemos dentro da existência da diversidade da constituição orgânica dos corpos, que, por lógica, têm relação direta com os elementos químicos que formam a constituição física de cada mundo.

Na sequência imediata, vamos encontrar o artigo “Júpiter e alguns outros mundos”, que para sermos mais objetivos, transcrevemos o seguinte trecho:

De todos os planetas [do nosso sistema solar], **o mais avançado, sob todos os aspectos, é Júpiter.** Ali, é o reino exclusivo do bem e da justiça, **porque não há senão bons Espíritos.** Pode-se fazer uma ideia do feliz estado dos seus habitantes pelo quadro que demos do mundo habitado sem a participação dos Espíritos da segunda ordem.

A superioridade de Júpiter não está somente no estado moral dos seus habitantes; está, também, na sua constituição física. Eis a descrição que nos foi dada, desse mundo privilegiado, onde encontramos a maioria dos homens de bem que honraram nossa Terra pelas suas virtudes e seus talentos.

A conformação dos corpos é quase a mesma desse mundo, mas **é menos material, menos denso e de uma maior leveza específica.** Ao passo que rastejamos penosamente na Terra, o habitante de Júpiter se transporta, de um lugar para outro, roçando a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água. Sendo a matéria, da qual o corpo está formado, mais depurada, ela se dissipa, depois da morte, sem ser submetida à decomposição pútrida. Ali não existe a maioria das enfermidades que nos afligem, sobretudo aquelas que têm sua fonte nos excessos de todos os gêneros e na desordem causada pelas paixões. **A alimentação está em relação com essa organização etérea;** não seria bastante substanciosa para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás,

haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanções nutritivas. A duração da vida é, proporcionalmente, muito maior que sobre a Terra; a média equivale a cinco dos nossos séculos. **O desenvolvimento também é muito mais rápido**, e a infância dura apenas alguns de nossos meses.

Sob esse envoltório leve, os Espíritos se desligam facilmente e entram em comunicação recíproca unicamente pelo pensamento, sem excluir, todavia, a linguagem articulada; também a segunda vista é, para a maioria uma faculdade permanente; seu estado normal pode ser comparado ao dos nossos sonâmbulos lúcidos; é também porque se manifestam, a nós, mais facilmente do que aqueles que estão encarnados em mundos mais grosseiros e mais materiais. A intuição que têm do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos, fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão; veem-na chegar sem medo e como uma simples transformação.

Os animais não estão excluídos desse estado progressivo, sem se aproximarem, entretanto, do homem, mesmo sob o aspecto físico; seus corpos, mais materiais ligam-se ao solo, como nós à Terra. **Sua inteligência é mais desenvolvida do que nos nossos**; a estrutura dos seus membros se dobra a todas exigências do trabalho; **são encarregados da execução de obras manuais; são os servidores e os operários**: as ocupações dos homens são puramente intelectuais. O homem é, para eles,

uma divindade, mas uma divindade tutelar que jamais abusa do seu poder para oprimi-los.

Os Espíritos que habitam Júpiter, geralmente, se comprazem, quando querem se comunicar conosco na descrição do seu planeta, e quando se lhes pergunta a razão, respondem que é a fim de nos inspirar o amor ao bem pela esperança de, para lá, ir um dia. Foi com esse objetivo que **um deles, que viveu na Terra com o nome de Bernard Palissy, o célebre oleiro do décimo sexto século, empreendeu, espontaneamente e sem ser solicitado para isso, uma série de desenhos tão notáveis,** tanto pela sua singularidade quanto pelo talento da execução, e destinado a nos dar a conhecer, até nos menores detalhes, esse mundo tão estranho e tão novo para nós. Alguns retratam personagens, animais, cenas da vida privada; mas, **os mais notáveis, são aqueles que representam habitações, verdadeiras obras-primas das quais nada sobre a Terra poderia nos dar uma ideia,** porque essa não parece com nada do que conhecemos; **é um gênero de arquitetura indescritível, tão original e, no entanto, tão harmoniosa, de uma ornamentação tão rica e tão graciosa, que desafia a mais fecunda imaginação.** O senhor Victorien Sardou, jovem literato e dos nossos amigos, cheio de talento e de futuro mas em nada desenhista, lhes serviu de intermediário. Palissy nos promete uma série que nos dará, de algum modo, a monografia ilustrada desse mundo maravilhoso. Esperamos que **essa curiosa e interessante coletânea** sobre a qual

voltaremos num artigo especial consagrado aos médiuns desenhistas, poderá ser, um dia, entregue ao público.

O planeta Júpiter, apesar do quadro sedutor que dele nos foi dado, não é o mais perfeito entre os mundos. Há outros, desconhecidos para nós, que lhes são bem superiores, no físico e no moral, e cujos habitantes gozam de uma felicidade ainda mais perfeita; lá é a morada dos Espíritos mais elevados, cujo envoltório etéreo nada mais tem das propriedades conhecidas da matéria. ⁽¹⁰⁾

Considerando que Júpiter “é o reino exclusivo do bem e da justiça, porque não há senão bons Espíritos”, então, tomando da escala dos mundos, seguramente, poderemos classificá-lo como sendo um mundo ditoso ou feliz.

Nesse artigo Allan Kardec dá notícia dos vários desenhos efetuados pelo médium Victorien Sardou (1831-1908), célebre dramaturgo francês ⁽¹¹⁾, sem demonstrar nenhuma estranheza quanto ao que neles foi retratado. Todos nós sabemos, que ele sempre fazia ressalvas quando via que a informação era duvidosa ou contrária ao que outros Espíritos diziam.

Aliás, ele deixa registrado que os mais notáveis desenhos são os referentes as habitações, que, segundo seu pensamento, “é um gênero de arquitetura indescritível, tão original e, no entanto, tão harmoniosa, de uma ornamentação tão rica e tão graciosa, que desafia a mais fecunda imaginação”.

No mês de abril, no tópico “Conversas familiares de além-túmulo” temos publicado um diálogo com Bernard Palissy (1510-1589), achamos oportuno transcrever primeiro a nota que o inicia:

Sabíamos, por evocações anteriores, que Bernard Palissy, o célebre oleiro do sexto século, habita Júpiter. **As respostas seguintes confirmam, em todos os pontos, o que nos foi dito, sobre esse planeta, em diversas épocas, por outros Espíritos, e por intermédio de diferentes médiuns.** Pensamos que serão lidas com interesse, como complemento do quadro que traçamos em nosso último número. **A identidade que elas apresentam com as descrições anteriores, é um fato notável que é, pelo menos, uma presunção de exatidão.** ⁽¹²⁾

O Codificador faz questão de evidenciar que as respostas de Palissy vai ao encontro do que outros

Espíritos, por diversos médiuns, disseram, razão pela qual conclui: “é, pelo menos, uma presunção de exatidão”.

Do diálogo com Bernard Palissy destacaremos apenas algumas questões para sermos bem objetivos:

DESCRIÇÃO DE JÚPITER

12. Há uma atmosfera? - R. Sim.

13. A atmosfera é formada dos mesmos elementos da atmosfera terrestre? – R. Não; os homens não são os mesmos; suas necessidades mudaram.

14. **Há água e mares?** – R. **Sim.**

15. **A água é** formada dos mesmos elementos da nossa? – R. **Mais etéreos.**

16. Há vulcões? – R. Não; nosso globo não é atormentado como o vosso; a natureza não teve suas grandes crises; é uma morada de bem-aventurados. **A matéria nele mal se toca.**

17. As **plantas** têm analogia com as nossas? – R. Sim, porém mais belas.

ESTADO FÍSICO DOS HABITANTES

18. A conformação do corpo dos habitantes tem relação com a nossa? – R. Sim, é a mesma.

20. **Os corpos ali são opacos, diáfanos ou translúcidos? – R. Há de uns e de outros.** Uns têm tal propriedade, os outros tal outra, segundo sua destinação.

22. **Há sexos diferentes? – R. Sim; há por toda parte onde a matéria exista; é uma lei da matéria.**

23. Qual é a base da alimentação dos habitantes? É animal e vegetal como aqui? – R. Puramente vegetal; o homem é o protetor dos animais.

31. Poderias nos dar uma ideia das diversas ocupações dos homens? – R. Seria preciso dizer muito. Sua principal ocupação é encorajar os Espíritos que habitam os mundos inferiores a perseverarem no bom caminho. Não tendo infortúnio a aliviar entre eles, vão procurar onde se sofre; são os bons Espíritos que vos sustentam e vos atraem ao bom caminho.

35. Sendo **os corpos dos habitantes de Júpiter** menos densos do que os nossos, **são formados de matéria compactada e condensada ou vaporosa? – R. Compacta para nós;** mas para vós ela não o seria; é menos condensada.

36. **O corpo, considerado como forma de matéria, é impenetrável? – R. Sim.**

OS ANIMAIS

48. **Os corpos dos animais são mais materiais do que os dos homens? – R. Sim;** o homem é o rei, o deus terrestre.

51. Foi-nos dito que **os animais são os**

servidores e operários que executam os trabalhos materiais, construindo as casas, etc.; isso é verdade? – R. Sim; o homem não se rebaixa mais servindo seu semelhante.

53. **Os animais servidores**, ali, estão num estado de escravidão ou de liberdade; são uma propriedade, ou podem mudar de senhor à vontade? – R. Estão no estado de submissão.

54. **Os animais trabalhadores** recebem uma remuneração qualquer por seus esforços? – R. Não.

ESTADO MORAL DOS HABITANTES

57. **As casas**, das quais nos deste uma amostra por seus desenhos, **estão reunidas em cidades**, como aqui? – R. **Sim**; os que se amam se reúnem; só as paixões fazem solidão ao redor do homem. Se o homem, ainda que mau, procura seu semelhante, que não é para ele senão um instrumento de dor, por que o homem puro e virtuoso fugiria do seu irmão?

58. Os Espíritos são iguais ou de diferentes graus? – R. De diferentes graus, mas de uma mesma ordem.

59. Rogamos consentir reportar-te à escala espírita que demos no segundo número da *Revista*, e nos dizer **a qual ordem pertencem os Espíritos encarnados em Júpiter? – R. Todos bons, todos superiores**; o bem desce, algumas vezes, no mal; mas o mal jamais se mistura ao bem. ⁽¹³⁾

Entendemos que se pode deduzir que os corpos físicos dos homens e dos animais, como também as casas, que os animais – servidores e operários que executam os trabalhos manuais – constroem para os seus tutores, são produtos objetivos e materialmente consistentes, levando-se em consideração a matéria do planeta.

As casas, é bom ressaltar, são construções materiais e não produto da imaginação.

No mês de julho, em “Correspondência”, temos registrada uma carta assinada por Marius M..., da qual merece destaque:

Em um dos vossos números precedentes, falastes de **desenhos notáveis, feitos pelo senhor Victorien Sardou, e que representam habitações do planeta Júpiter**. O quadro que dele fizestes, sem dúvida nos dá, como a muitos outros, o desejo de conhecê-los; teríeis a bondade de nos dizer se esse Senhor tem a intenção de publicá-los? Não duvido de que tenham um grande sucesso, tendo em vista a extensão que tomam, cada dia, as crenças espíritas. **Seria o complemento necessário do quadro, tão sedutor, que os Espíritos deram desse mundo feliz.**

Eu vos direi, a esse respeito, meu caro Senhor, que há quase dezoito meses **evocamos, em nosso pequeno círculo íntimo, um antigo magistrado**, parente nosso, falecido em 1756, que foi durante sua vida um modelo de todas as virtudes, e um Espírito muito superior, embora não tendo lugar na história. **Disse-nos estar encarnado em Júpiter**, e nos deu um ensinamento moral de uma sabedoria admirável, e em todos os pontos de conformidade com aquele que encerra vosso tão precioso *O Livro dos Espíritos*. Naturalmente, **tivemos a curiosidade de lhe pedir algumas notícias sobre o estado do mundo que ele habita**, o que fez com extrema complacência. Ora, julgai **a nossa surpresa e a nossa alegria, quando lemos, na vossa Revista, uma descrição inteiramente idêntica desse planeta, pelo menos nas generalidades**, porque não colocamos as questões tão longe quanto vós: tudo nela está conforme, no físico e no moral, e até nas condições dos animais. **Mencionou até habitações aéreas, das quais não falais**.

Como havia certas coisas que tínhamos dificuldade em compreender, nosso parente acrescentou estas palavras notáveis: **“Não há de espantoso senão que não compreendeis as coisas para as quais os vossos sentidos não foram feitos**; mas, à medida que avançardes na ciência, compreendê-las-eis melhor pelo pensamento, e cessarão de vos parecer extraordinárias. Não está longe o tempo no qual recebereis, sobre esse ponto, os esclarecimentos mais completos. Os Espíritos estão encarregados

de vos instruir nisso, a fim de vos dar um objetivo, e vos impelir ao bem.” Lendo vossa descrição e o anúncio dos desenhos dos quais falais, dissemos naturalmente que esse tempo está chegado.

Os incrédulos criticarão, sem dúvida, semelhante paraíso de Espíritos, como criticam tudo, mesmo a imortalidade, mesmo as coisas mais santas. **Sei bem que nada prova, materialmente, a verdade dessa descrição; mas, para todos aqueles que creem na existência e nas revelações dos Espíritos, essa coincidência não foi feita para fazer refletir?** Nós fazemos uma ideia do país que jamais vimos pela narração dos viajantes, quando há coincidências entre eles: por que não ocorreria o mesmo com respeito aos Espíritos? **Haveria, no estado sob o qual nos descrevem o mundo de Júpiter, alguma coisa que repugne à razão? Não; tudo está de acordo com a ideia que nos dão de existências mais perfeitas;** diria mais: com a Escritura, o que um dia me empenharei em demonstrar; de minha parte isso me parece tão lógico, tão consolador, que me seria penoso renunciar à esperança de habitar esse mundo afortunado onde não há maus, nem invejosos, nem inimigos, nem egoístas, nem hipócritas; por isso, todos os meus esforços tendem a merecer ir para lá. ⁽¹⁴⁾

Nota-se que o autor, residente em Bordeaux, diz que o Espírito evocado dá “uma descrição

inteiramente idêntica desse planeta” e “mencionou até habitações aéreas, das quais não falais”, razão pela qual aceitou a existência de habitações em Júpiter, sem nenhuma dificuldade.

Victorien Sardou, como veremos mais à frente, citará as habitações aéreas, bem como as erguidas no solo e na água. O Espírito que assinou “O gênio das flores”, também as mencionou: “[...] em Júpiter, nossas flores soltam sons melodiosos e nós fazemos **moradas aéreas**, das quais só os ninhos de colibris podem vos dar uma fraca ideia. [...]” (15)

É oportuno destacar este trecho da fala do Espírito: “Não há de espantoso senão que não compreendeis as coisas para as quais os vossos sentidos não foram feitos”. Nossa inteligência, bem limitada, ainda não nos permite compreender muitas coisas do plano espiritual e nem a respeito de tudo que existe nos planetas.

Podemos estar enganados, mas quem sabe se não temos aqui o motivo pelo qual, em nossos dias, encontramos os que não querem aceitar habitações em Júpiter de jeito algum, vendo-as apenas como

sendo “criações fluídicas”, algo tipo “uma fumaça”.

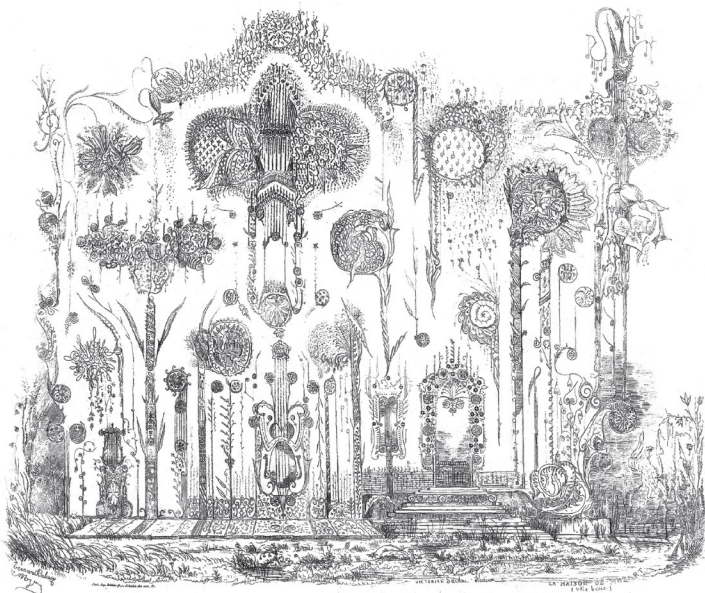
Sobre esse tema, que se faz polêmica no meio espírita, recomendamos a nossa pesquisa publicada no ebook **Criações Fluídicas: Um Breve Ensaio** ⁽¹⁶⁾.



Das considerações de Allan Kardec a respeito dessa carta, destacamos o seguinte parágrafo:

Estamos felizes com a comunicação que consentiu nos fazer com respeito a Júpiter. **A coincidência que nos assinala não é única, como se pôde ver no artigo sobre o assunto.** Ora, qualquer que seja a opinião que se possa dele formar, não deixa de ser um assunto digno de observação. **O mundo espírita está cheio de mistérios que não se saberia estudar com muito cuidado.** As consequências morais que dele deduz nosso correspondente estão marcadas ao lado de uma lógica que não escapará a ninguém. ⁽¹⁷⁾

Ele falou também do problema em publicar o desenho de uma habitação em Júpiter, mas no mês de agosto, consegue publicá-lo. Ei-lo:



Nesse mês, Allan Kardec também publica o artigo “Observações a propósito dos desenhos de Júpiter”:

Damos, com este número de nossa *Revista*, assim como anunciamos, **um desenho de uma habitação de Júpiter, executada e gravada pelo senhor Victorien Sardou**, como médium, e a ele acrescentamos o artigo descritivo que consentiu nos dar sobre o assunto. Qualquer que possa ser, sobre a autenticidade dessas descrições, a opinião daqueles que poderiam nos acusar de nos ocuparmos com o que se passa nos mundos desconhecidos, ao passo que há tanto a fazer na

Terra, pedimos aos nossos leitores não perderem de vista que nosso objetivo, assim como o anuncia nosso título, é, antes de tudo, o estudo dos fenômenos, e que nesse ponto de vista nada deve ser negligenciado. Ora, **como fato de manifestações, esses desenhos são, incontestavelmente, os mais notáveis,** considerando-se que o autor não sabe nem desenhar, nem gravar, e que o desenho que nos ofereceu foi gravado por ele à água-forte, sem modelo e sem ensaio preliminar, em nove horas. **Supondo mesmo que esse desenho seja uma fantasia do Espírito que o traçou, só o fato de sua execução não seria um fenômeno de menor atenção,** e, a esse título, cabe a nossa coletânea dar a conhecê-lo, assim como a descrição que, sobre ele, foi dada pelos Espíritos, não para satisfazer a vã curiosidade de pessoas fúteis, mas como assunto de estudo para pessoas sérias, que querem aprofundar todos os mistérios da ciência espírita. Estar-se-ia em erro crendo que fazemos da revelação de mundos desconhecidos o objeto capital da Doutrina; isso não será sempre, para nós, senão um acessório, mas um acessório que cremos útil como complemento de estudo; o principal será sempre, para nós, o ensinamento moral, e, nas comunicações de além-túmulo, procuramos sobretudo o que pode esclarecer a Humanidade e conduzi-la para o bem, único meio de assegurar sua felicidade neste mundo e no outro. Não se poderia dizer o mesmo dos astrônomos que, eles também, sondam os espaços e se perguntar em que pode ser útil, para o bem da

Humanidade, saber calcular com uma precisão rigorosa a parábola de um astro invisível? Todas as ciências não têm, pois, um interesse eminentemente prático, e todavia não vem ao pensamento de ninguém tratá-las com desdém, porque tudo o que alarga o círculo das ideias contribui para o progresso. Ocorre o mesmo com as comunicações espíritas, mesmo quando saem do círculo estreito da nossa personalidade. (18)

A nosso ver, Allan Kardec aceitou as descrições das habitações de Júpiter, porém, não obriga a ninguém o acompanhar, razão pela qual disse “Supondo mesmo que esse desenho seja uma fantasia do Espírito que o traçou”. Não vemos sentido algum ele usar dessa afirmativa se não os considerasse, pelo menos, confiáveis.

O artigo com as considerações de Victorien Sardou, publicado em sequência ao anterior, tem o título de “As habitações do planeta Júpiter”, que transcrevemos:

Um grande motivo de espanto para certas pessoas, convencidas aliás da existência dos Espíritos (não vou aqui me ocupar das outras), **é que tenham, como nós, suas habitações e suas cidades**. Não me pouparam as críticas: “Casas de

Espíritos em Júpiter!... Que gracejo!...” – Gracejo, se assim se o deseja; nada tenho com isso. **Se o leitor não encontra aqui, na verossimilhança de explicações**, uma prova suficiente de sua verdade; se não está surpreso, como nós, quanto ao perfeito acordo dessas revelações espíritas com os dados mais positivos da ciência astronômica; **se não vê, numa palavra, senão uma hábil mistificação nos detalhes que seguem e nos desenhos que os acompanham, convido-o a se explicar com os Espíritos, dos quais não sou senão um instrumento e o eco fiel. Que ele evoque Palissy ou Mozart ou um outro habitante dessa morada bem-aventurada, que o interrogue, que controle minhas afirmações pelas suas**, enfim, que discuta com ele: porque, por mim, não faço senão apresentar aqui o que me foi dado, senão repetir o que me foi dito; e para esse papel absolutamente passivo, creio-me ao abrigo tanto da censura como também do elogio.

Feita essa reserva, e uma vez admitida a confiança nos Espíritos, aceita como verdade a única doutrina verdadeiramente bela e sábia que a evocação dos mortos nos revelou até hoje, quer dizer, a migração das almas de planetas em planetas, suas encarnações sucessivas e seu progresso incessante pelo trabalho, as habitações de Júpiter não terão mais motivo para nos espantar. Desde o momento em que um Espírito se encarna em um mundo submetido, como o nosso, a uma dupla revolução, quer dizer, à alternativa de dias e de noites e ao retorno periódico das estações, do momento em que ele possui um

corpo, esse envoltório material, tão frágil que seja, não pede senão uma alimentação e roupas, mas também um abrigo ou, pelo menos, um lugar de repouso, conseqüentemente uma moradia. Com efeito, é bem o que nos foi dito. **Como nós, e melhor do que nós, os habitantes de Júpiter têm seus lares comuns e suas famílias**, grupos harmônicos de Espíritos simpáticos, unidos no triunfo depois de sê-lo na luta: daí as habitações tão espaçosas, as quais se pode aplicar, com justiça, o nome de palácios. **Ainda como nós, esses Espíritos têm suas festas, suas cerimônias, suas reuniões públicas: daí certos edifícios especialmente destinados a esses usos.** É preciso prever, enfim, encontrar nessas regiões superiores toda uma Humanidade ativa e laboriosa, como a nossa, submetida como nós às suas leis, às suas necessidades, aos seus deveres; mas com essa diferença de que o progresso, rebelde aos nossos esforços, torna-se uma conquista fácil para os Espíritos desligados, como eles o são, de nossos vícios terrestres.

Não deveria me ocupar aqui senão da arquitetura das suas habitações, mas para a própria inteligência dos detalhes que vão seguir, uma palavra de explicação não será inútil. Se Júpiter não é abordável senão pelos bons Espíritos, **não se segue que seus habitantes sejam todos excelentes no mesmo grau:** entre a bondade do simples e a do homem de gênio, é permitido contar muitas nuances. Ora, toda a organização social desse mundo superior repousa precisamente sobre essas variedades de

inteligências e de aptidões; e, em razão de leis harmoniosas, que seria muito longo explicar aqui, aos Espíritos mais elevados, os mais depurados, é que pertence a alta direção de seu planeta. Essa supremacia não se detém aí; ela se estende até os mundos inferiores, onde esses Espíritos, por suas influências, favorecem e ativam sem cessar o progresso religioso, gerador de todos os outros. E necessário acrescentar que, para esses Espíritos depurados, não poderia ser questão senão de trabalho de inteligência, que sua atividade não se exerce mais do que no domínio de seu pensamento, e que adquiriram bastante império sobre a matéria para não serem, senão fracamente, entravados por ela no livre exercício de suas vontades? **Os corpos de todos esses Espíritos, e, aliás, de todos os Espíritos que habitam Júpiter, é de uma densidade tão leve que não se pode lhe encontrar termo de comparação senão nos fluidos imponderáveis;** um pouco maior do que o nosso, do qual reproduz exatamente a forma, porém mais pura e mais bela, se nos oferece sob a aparência de um vapor (emprego com pesar essa palavra que designa uma substância ainda muito grosseira), de um vapor, digo, imperceptível e luminoso, luminoso sobretudo nos contornos do rosto e da cabeça; porque aqui a inteligência e a vida irradiam como um foco ardente; e é bem esse clarão magnético entrevisto pelos visionários cristãos e que nossos pintores traduziram pelo nimbo e pela auréola dos santos.

Concebe-se que um tal corpo não dificulte,

senão fracamente, as comunicações extramundanas desses Espíritos, e que lhes permite mesmo, em seu planeta, um deslocamento pronto e fácil. Ele escapa tão facilmente à atração planetária e sua densidade difere tão pouco da atmosfera, que pode aí se mover, ir e vir, descer ou subir, ao capricho do Espírito e sem outro esforço que o da sua vontade. Tanto que algumas personagens que **Palissy consentiu me fazer desenhar, estão representadas ao rasante do solo, ou à flor da água, ou muito elevadas no ar,** com toda liberdade de ação e de movimentos que emprestamos aos nossos anjos. Essa locomoção é tanto mais fácil para o Espírito quanto mais esteja depurado, e isso se concebe sem dificuldade; também nada é mais fácil, aos habitantes do planeta, que estimar, à primeira vista, o valor de um Espírito que passa; dois sinais falarão por ele: a altura do seu voo e a luz mais ou menos brilhante de sua auréola.

Em Júpiter, como por toda parte, aqueles que voam mais alto são os mais raros; abaixo deles, é preciso contar várias camadas de Espíritos inferiores, em virtude como em poder, mas naturalmente livres para igualá-los, um dia, em se aperfeiçoando. Escalonados e classificados segundo seus méritos, estes são votados mais particularmente aos trabalhos que interessam ao próprio planeta, e não exercem, sobre os mundos inferiores, a autoridade todo-poderosa dos primeiros. Eles respondem, é verdade, a uma evocação, com palavras sábias e boas, mas à pressa que tem em nos deixar, ao laconismo de

suas palavras, é fácil de compreender que têm muito a fazer alhures, e que não estão ainda bastante libertos para irradiarem, ao mesmo tempo, sobre dois pontos tão distantes um do outro. Enfim, **depois dos menos perfeitos desses Espíritos**, mas separados deles por um abismo, **vêm os animais que, como os únicos serviçais e os únicos obreiros do planeta**, merecem uma menção toda especial.

Se designamos sob esse nome de animais os seres bizarros que ocupam a base da escala, foi porque os próprios Espíritos o puseram em uso e, aliás, nossa própria língua não tem termo melhor para nos oferecer. Essa designação os deprecia um pouco para baixo; mas chamá-los de homens seria fazer-lhes muita honra: com efeito, são Espíritos votados à animalidade, talvez por longo tempo, talvez para sempre; porque nem todos os Espíritos estão de acordo sobre esse ponto, e a solução do problema parece pertencer a mundos mais elevados do que Júpiter, mas, qualquer que seja o seu futuro, não há com que se enganar quanto ao seu passado. **Esses Espíritos, antes de irem para lá, emigraram sucessivamente em nossos baixos mundos, do corpo de um animal para o de um outro, em uma escala de aperfeiçoamento perfeitamente graduada.** O estudo atento dos nossos animais terrestres, seus costumes, seus caracteres individuais, sua ferocidade longe do homem, e sua domesticação lenta mas sempre possível, tudo isso atesta suficientemente a realidade dessa ascensão animal.

Assim, para qualquer lado que se volte, a harmonia do Universo se resume sempre numa única lei: **o progresso por toda parte e para todos, para o animal como para a planta, para a planta como para o mineral**; progresso puramente material no início, nas moléculas insensíveis do metal ou do calhau, e mais e mais inteligente à medida que remontamos à escala dos seres e que a individualidade tende a se libertar da massa, a se afirmar, a se conhecer. – Pensamento elevado e consolador, se assim não fora jamais; porque prova que nada é sacrificado, que a recompensa é sempre proporcional ao progresso alcançado; por exemplo, que o devotamento do cão que morre por seu senhor não será estéril para o seu Espírito, porque terá seu justo salário além deste mundo.

É o caso dos Espíritos animais que povoam Júpiter; aperfeiçoaram-se ao mesmo tempo que nós, conosco e com a nossa ajuda. A lei é mais admirável ainda: ela faz tão bem do seu devotamento ao homem a primeira condição para a sua ascensão planetária, que a vontade de um Espírito de Júpiter pode chamar para si todo animal que, em uma das suas vidas anteriores, lhe haja dado provas de afeição. Essas simpatias que formam, no Mais Alto, famílias de Espíritos, agrupam também, ao redor das famílias, todo um cortejo de animais devotados. Por consequência, nosso apego neste mundo por um animal, o cuidado que tomamos para abrandá-lo e humanizá-lo, tudo isso tem a sua razão de ser, tudo isso será pago: é um bom servidor que

formamos antecipadamente para um mundo melhor.

Será também um operário; porque aos seus semelhantes está reservado todo trabalho material, toda tarefa corporal: fardo ou alvenaria, semeadura ou colheita. E, para tudo isso, a Suprema Inteligência proveu por um corpo que participa, ao mesmo tempo, da superioridade da besta e da do homem. Isso podemos julgar por um esboço de **Palissy, que representa alguns desses animais muito atentos a jogarem bolas.** Eu não poderia melhor compará-los senão aos faunos e aos sátiros da Fábula; o corpo ligeiramente peludo é todavia aprumado como o nosso; as patas desapareceram em alguns para darem lugar a certas pernas que lembram ainda a forma primitiva, a dois braços robustos, singularmente ligados e terminados por verdadeiras mãos, se nelas considero a oposição dos dedos. Coisa bizarra, a cabeça, ao contrário, não é tão aperfeiçoada quanto o resto! Assim, a fisionomia reflete bem alguma coisa de humano, mas o crânio, mas o maxilar e, sobretudo, a orelha, nada têm que diferem sensivelmente do animal terrestre; fácil é, pois, distingui-los entre si: este é um cão, aquele um leão. Propriamente vestidos com blusas e vestes muito semelhantes às nossas, não esperam mais do que a palavra para lembrarem, de muito perto, certos homens deste mundo; mas, eis precisamente o que lhes falta, assim como o que não poderiam fazer. Hábeis para se compreenderem entre si por uma linguagem que nada tem da nossa, não se enganam mais

sobre as intenções dos Espíritos que os comandam; um olhar, um gesto bastam. A certos recursos magnéticos, dos quais nossos domadores de animais já têm o segredo, o animal adivinha e obedece sem murmurar, e o que é mais, de bom grado, porque está sob o encanto. Assim é que se lhe impõe toda grande tarefa, e que com a sua ajuda tudo funciona regularmente de um extremo ao outro da escala social: o Espírito elevado pensa, delibera, o Espírito inferior aplica com a sua própria iniciativa, o animal executa. Assim a concepção, o emprego e o fato se unem numa mesma harmonia, e conduzem todas as coisas para seu fim mais próprio, pelos meios mais simples e mais seguros.

Peço desculpas por esta digressão: era indispensável ao meu objetivo, que agora posso abordar.

À espera das cartas prometidas, que facilitarão singularmente o estudo de todo o planeta, podemos, **pelas descrições feitas pelos Espíritos, fazer-nos uma ideia de sua grande cidade, da cidade por excelência**, desse foco de luz e de atividade que concordam em designar sob o nome, estranhamente latino, de *Julnius*.

“Sobre o maior dos nossos continentes, disse Palissy, em um vale de setecentas a oitocentas léguas de largura, para contar como vós, um rio magnífico descendo das montanhas do norte, e aumentado por uma multidão de torrentes e de ribeirões, forma, em seu percurso, sete a oito lagos, dos quais o menor mereceria, entre vós, o nome de *mar*. Foi sobre as margens do maior

desses lagos, batizado por nós com o nome de a *Pérola*, que nossos ancestrais lançaram os primeiros fundamentos de Julnius. **Essa cidade primitiva** ainda existe, venerada e conservada como uma preciosa relíquia. Sua arquitetura difere muito da nossa. Explicar-te-ei tudo isso a seu tempo: saiba apenas que a cidade moderna está a uns cem metros mais abaixo da antiga. O lago, encaixado nas altas montanhas, se derrama no vale por oito cataratas enormes, que formam igualmente correntes isoladas e dispersas em todos os sentidos. Com a ajuda dessas correntes, nós mesmos cavamos, na planície, uma multidão de riachos, de canais e de tanques, não reservando a terra firme senão para nossas casas e nossos jardins. Disso resultou **uma espécie de cidade anfíbia, como vossa Veneza**, e da qual não se poderia dizer, à primeira vista, se está edificada sobre a terra ou sobre a água. Não te digo nada hoje de quatro edifícios sagrados, construídos sobre a própria vertente das cataratas, de sorte que a água jorra em abundância de seus pórticos: aí estão obras que vos pareceriam inacreditáveis pela grandeza e audácia.

“É a cidade terrestre que descrevo aqui, a cidade de alguma sorte material, a das ocupações planetárias, a que chamamos, enfim, a Cidade baixa. Ela tem suas ruas, ou antes, seus caminhos, traçados para o serviço interior; tem suas praças públicas, seus pórticos e suas pontes lançadas sobre os canais para a passagem dos servidores. Mas a cidade inteligente, a cidade espiritual, a verdadeira

Julnius, enfim, não é na terra que é preciso procurá-la, é no ar.

“Ao corpo material de nossos animais, incapazes de voarem, ⁽¹⁹⁾, é preciso a terra firme; **mas o que nosso corpo fluídico e luminoso exige, é uma residência aérea como ele, quase impalpável e móvel ao gosto de nosso capricho.** Nossa habilidade resolveu esse problema, com a ajuda do tempo e das condições privilegiadas que o Grande Arquiteto nos havia dado. Compreenda bem que essa conquista dos ares era indispensável a Espíritos como os nossos. Nosso dia é de cinco horas, e nossa noite de cinco horas igualmente; mas tudo é relativo, e para seres prontos para pensarem e agirem como nós o somos, para Espíritos que se compreendem pela linguagem dos olhos e que sabem se comunicar, magneticamente, à distância, nosso dia de cinco horas igualaria já em atividade uma de vossas semanas. Era ainda muito pouco, **na nossa opinião; e a imobilidade da morada, o ponto fixo da sede era um entrave para todas as nossas grandes obras.** Hoje, pelo deslocamento fácil dessas moradas de pássaros, pela possibilidade de transportar, nós e os outros, em tal lugar do planeta e tal hora do dia que nos aprazasse, nossa existência é, pelo menos, dobrada, e com ela tudo o que pode criar de útil e de grande.

“Em certas épocas do ano, acrescentou o Espírito, em certas festas, por exemplo, verias aqui **o céu obscurecido pelo enxame de habitações** que vêm de todos os pontos do horizonte. **É um**

curioso conjunto de casas esbeltas, graciosas e leves, de toda forma, de toda cor, balançando em toda altura, e continuamente a caminho da *cidade baixa* para a *cidade celeste*: Alguns dias depois o vazio se faz pouco a pouco e todos esses pássaros voam.

“**Nada falta a essas moradias flutuantes**, nem mesmo o encanto da verdura e das flores. Falo de uma vegetação sem exemplo entre vós, de plantas, de arbustos mesmo destinados, pela natureza de seus órgãos, a respirar, a se alimentar, a viver, a se reproduzir no ar.

“Nós temos, disse o mesmo Espírito, dessas moitas de flores enormes, das quais não poderíeis imaginar nem as formas nem as nuances, e de uma leveza de tecido que as torna quase transparentes. Balançando no ar, onde longas folhas as sustentam, e armadas de gavinhas semelhantes às da videira, se reúnem em nuvens de mil tintas ou se dispersam ao sabor do vento, e preparam encantador espetáculo aos passeadores da *cidade baixa*... imagine a graça dessas jangadas de verdura, desses jardins flutuantes que nossa vontade pode fazer e desfazer e que duram, às vezes, toda uma estação! Longas fiadas de cipó de ramos floridos se destacam dessas alturas e pendem até a terra, pencas enormes se agitam sacudindo seus perfumes e suas pétalas que se desfolham... Os Espíritos que atravessam o ar aí se detêm na passagem: é um lugar de repouso e de reencontro, e, querendo-se, um meio de transporte para rematar a viagem sem fadiga e em companhia.”

Um outro Espírito estava sentado sobre uma dessas flores no momento em que eu o evoquei.

“Nesse momento, disse-me ele, é noite em Julnius, estou sentado à parte sobre uma dessas flores do ar que não desabrocham aqui senão à claridade de nossas luas. Sob meus pés toda cidade baixa dorme; mas sobre minha cabeça e ao meu redor, a perder de vista, não há senão movimento e alegria no espaço. Dormimos pouco: nossa alma é muito desligada para que as necessidades do corpo sejam tirânicas; e a noite é antes feita para nossos servidores do que para nós. É a hora das visitas e das longas conversas, de passeadores solitários, de fantasias, da música. Não vejo senão moradas aéreas resplandecentes de luzes ou jangadas de folhas e de flores carregadas de bandos alegres... A primeira de nossas ruas clareia toda a cidade baixa: é uma doce luz comparável à de vosso luar; mas, do lado do lago, a segunda se eleva, e esta tem reflexos esverdeados que dão a todo o rio o aspecto de um grande gramado...”

É sobre a margem direita desse rio, “cuja água, disse o Espírito, te ofereceria a consistência de um leve vapor (²⁰),” que está construída a casa de Mozart, que Palissy consentiu fazer-me desenhar sobre cobre. Não dou aqui senão a fachada sul. A grande entrada está à esquerda, sobre a planície; à direita está o rio; ao norte e ao sul estão os jardins. Perguntei a Mozart quem eram os seus vizinhos. – “Mais alto, disse, e mais baixo, há dois Espíritos que tu não desconheces; mas à esquerda, não estou separado senão por uma

grande campina do jardim de Cervantes.”

A casa tem, pois, quatro faces como as nossas, do que seria errado, todavia, fazer uma regra geral. **Ela está construída com uma certa pedra que os animais tiram das pedreiras do norte**, é das quais o Espírito compara a cor a esses tons esverdeados que toma, frequentemente, o azul do céu no momento em que o sol se deita. Quanto à sua duração pode-se dela fazer uma ideia por esta observação de Palissy, que ela derreteria sob nossos dedos humanos tão rápida quanto um floco de neve: ainda está aí uma das matérias mais resistentes do planeta! Sobre essa parede os Espíritos esculpiram ou incrustaram os estranhos arabescos que nosso desenho procura reproduzir. São ou ornamentos escavados nas pedras e coloridos em seguida, ou incrustações limitadas à solidez da pedra verde, por um procedimento que está muito em voga agora, e que conserva nos vegetais toda a graça de seus contornos, toda a finura de seus tecidos, toda a riqueza de seu colorido.

“Uma descoberta, acrescentou o Espírito, que fareis algum dia e que mudará entre vós muitas coisas.”

A grande janela da direita apresenta um exemplo de gênero de ornamentação, uma de suas bordas não é outra coisa senão um caniço enorme do qual se conservaram as folhas. Ocorre o mesmo com o coroamento da janela principal, que apresenta a forma de claves de sol: são plantas sarmentosas enlaçadas e petrificadas. E por esse

procedimento que eles obtêm a maioria dos coroamentos de edifícios, de grades, de balaústres, etc. Frequentemente mesmo, a planta é colocada na parede, com suas raízes, em condições de crescer livremente. Ela cresce, se desenvolve; suas folhas desabrocham ao acaso, e o artista não a congela no lugar senão quando adquiriu todo o desenvolvimento desejado para a ornamentação do edifício: a casa de Palissy é quase inteiramente decorada desse modo.

Destinada primeiro unicamente aos móveis, depois às molduras de portas e de janelas, esse gênero de ornamento se aperfeiçoou pouco a pouco e acabou por invadir toda a arquitetura. Hoje, não são apenas a flor e o arbusto que se petrificam no estado, mas a própria árvore da raiz ao topo; e os palácios, como os edifícios sagrados quase nada mais têm de outras colônias.

Uma petrificação da mesma natureza serve também para a decoração das janelas. De flores ou de folhas muito amplas, são habilmente despojadas de sua parte carnuda: não resta mais do que uma rede de fibras, tão fina quanto a mais fina musselina. E cristalizada, e dessas folhas unidas com arte, constrói-se toda uma janela, que não deixa filtrar, para o interior, senão uma luz muito doce: ou bem as reveste com uma espécie de vidro líquido e colorido com todas as nuances, que se endurece no ar e que transforma a folha em uma espécie de vidraça. Do conjunto dessas folhas resultam, para janelas, encantadores bosquezinhos transparentes e luminosos.

Quanto à própria duração dessas aberturas, e a mil outros detalhes que podem surpreender ao primeiro contato, sou forçado a adiar-lhes a explicação: a história da arquitetura em Júpiter exigiria um volume inteiro. Renuncio igualmente a falar do mobiliário, para não me ater aqui senão à disposição geral da casa.

O leitor deve ter compreendido, depois de tudo o que precede, que a casa do continente não deve ser, para o Espírito senão uma espécie de pequena casa de passagem. A *cidade baixa* não é quase frequentada senão por Espíritos de segunda ordem, encarregados dos interesses planetários, da agricultura, por exemplo, ou das trocas, e da boa ordem a manter entre os servidores. Também todas **as casas que repousam sobre o solo**, geralmente, não têm senão um térreo e um andar: um destinado aos Espíritos que agem sob a direção do senhor, e acessível aos animais; o outro, reservado só ao Espírito, que nele não mora senão por ocasião. É isso que explica por que vemos, **nas várias casas de Júpiter**, nesta por exemplo, e na de Zoroastro, uma escada e mesmo uma rampa. Aquele que rasa a água como uma andorinha, e que pode correr sobre as hastes de trigo sem curvá-las, dispensa muito bem escada e rampa para entrar em sua casa; mas os Espíritos inferiores não têm o voo tão fácil: não se elevam senão pela agitação, e a rampa não lhes é sempre inútil. Enfim, a escada é absoluta necessidade para os animais serviçais, que não caminham senão como nós. Estes últimos têm também seus compartimentos, muito

elegantes, de resto, que fazem parte de todas **as grandes habitações**; mas suas funções os chamam, constantemente, à casa do senhor: é preciso facilitar-lhes a entrada e o percurso interior. **Daí essas construções bizarras, que, pela base, assemelham-se ainda aos nossos edifícios terrestres**, e que deles diferem absolutamente pelo vértice.

Este se distingue, sobretudo, por uma originalidade que seríamos incapazes de imitar. É uma espécie de flecha aérea que se balança sobre o alto do edifício, acima da grande janela de seu original coroamento. Esse frágil escaler, fácil de deslocar, e todavia destinado, no pensamento do artista, a não deixar o lugar que lhe foi assinalado, porque sem repousar em nada sobre o cume, completa-lhe, no entanto, a decoração, e lamento que a dimensão da prancha não haja permitido que nela encontrasse lugar. **Quanto à morada de Mozart não tenho aqui senão que constatar-lhe a existência**: os limites desse artigo não me permitem estender-me sobre esse assunto.

Não terminaria, todavia, sem me explicar, de passagem, sobre o gênero de ornamentos que o grande artista escolheu para a sua moradia. É fácil neles reconhecer a lembrança de nossa música terrestre: a clave de sol aí está frequentemente repetida, e, coisa bizarra, jamais a clave de fá! Na decoração do térreo encontramos um arco de violino, uma espécie de grande alaúde ou de bandolim, uma lira e toda uma pauta musical. Mais alto, é uma grande janela que lembra, vagamente, a forma de um órgão; os outros têm aparência de

grandes notas, e notas mais pequenas são abundantes por sobre toda a fachada.

Seria erro disso concluir que a música de Júpiter seja comparável à nossa, e que se conta pelos mesmos sinais: **Mozart explicou-se sobre ela de modo a não deixar dúvidas a esse respeito**; mas os Espíritos lembram, de bom grado, na decoração de suas casas, a missão terrestre que lhes mereceu a encarnação em Júpiter e que resume melhor o caráter de sua inteligência. Assim, na casa de Zoroastro são os astros e a chama que fazem todos os detalhes da decoração.

Há mais; parece que esse simbolismo tem suas regras e seus segredos. Todos esses ornamentos não estão dispostos ao acaso: têm sua ordem lógica e sua significação precisa; mas é uma arte que os Espíritos de Júpiter renunciam em nos fazer compreender, pelo menos até este dia, e sobre a qual não se explicam de bom grado. Nossos velhos arquitetos empregaram também o simbolismo na decoração de suas catedrais; e a torre de Saint-Jacques não é nada menos que um poema hermético, se se crê na tradição. **Nada há, pois, para nos espantar na estranheza e na decoração arquitetônica em Júpiter; se ela contradiz nossas ideias quanto à arte humana, é que há, com efeito, todo um abismo entre uma arquitetura que vive e que fala e uma alvenaria, como a nossa, que nada prova.** Nisso, como em toda outra coisa, a prudência nos proíbe esse erro do relativo que quer tudo conduzir às proporções e aos hábitos do homem terrestre. **Se os habitantes de Júpiter estivessem alojados**

como nós, se comessem, vivessem, dormissem e andassem como nós, não haveria grande proveito em subir para lá. É bem porque seu planeta difere absolutamente do nosso que desejamos conhecê-lo, e sonhá-lo como nossa futura morada!

De minha parte, não perderia o meu tempo e estaria bem feliz por terem os Espíritos me escolhido para seu intérprete, se seus desenhos e suas descrições inspirarem, a um único crente, o desejo de subir mais rápido para Julnius, e a coragem de tudo fazer para isso conseguir.

VICTORIEN SARDOU. ⁽²¹⁾ (itálico do original)

Temos aí, *in totum*, as explicações do próprio médium. Qualquer um tem o direito de não acreditar nelas, mas jamais poderá afirmar que não refletem a verdade, uma vez que não se trata de algo vivido por ele, mas por outra pessoa.

Logo após, Allan Kardec diz o seguinte:

O autor dessa interessante descrição é **um desses adeptos fervorosos e esclarecidos** que não temem confessar francamente suas crenças, e se coloca acima da crítica de pessoas que não creem em nada daquilo que sai do círculo de suas ideias. Ligar seu nome a uma doutrina nova, **desafiando os sarcasmos**, é uma coragem que

não é dada a todo mundo, e felicitamos o senhor V. Sardou por tê-la. **Seu trabalho revela o escritor distinto** que, embora jovem ainda, já conquistou um lugar honroso na literatura, e **une ao talento de escrever, os profundos conhecimentos de sábio**; nova prova que o Espiritismo não recruta entre os tolos e os ignorantes. **Fazemos votos para que o senhor Sardou complete, o mais rápido possível, seu trabalho tão felizmente começado.** Se os astrônomos nos revelam, por suas sábias pesquisas, o mecanismo do Universo, os Espíritos, por suas revelações, nos fazem conhecer o seu estado moral e isso, como eles dizem, com o objetivo de nos estimular ao bem, a fim de merecermos uma existência melhor. ⁽²²⁾

Allan Kardec enalteceu as explicações de Victorien Sardou, certamente pelo motivo de as ter achado lógicas e nem ferir os princípios doutrinários.

Em setembro, o Codificador publica o artigo “Observação sobre o desenho da casa de Mozart”, que transcrevemos:

Um dos nossos assinantes nos escreveu o que segue, a propósito do desenho que publicamos em nosso último número:

“O autor do artigo disse, página 231: *A clave de sol aí está frequentemente repetida, e, coisa*

bizarra, jamais a clave de fá. Pareceria que os olhos do médium não teriam percebido todos **os detalhes do rico desenho que sua mão executou**, porque um músico nos assegurou que é fácil reconhecer, direita e invertida, a clave de fá na ornamentação da base do edifício, no meio da qual mergulha a parte inferior do arco de violino, assim como no prolongamento dessa ornamentação à esquerda da ponta do grande alaúde. O mesmo músico pretende, por outro lado, que a clave de *ut*, antiga forma, figura, ela também, sobre as lajes próximas da escada da direita.”

Nota. – **Inserimos com tanto mais bom grado essa observação, quanto ela prova até que ponto o pensamento do médium permaneceu estranho à confecção do desenho.** Examinando as partes assinaladas, reconhece-se neles, com efeito, claves de *fá* e de *ut* com as quais o autor ornou seus desenhos sem que se possa disso duvidar. **Quando é visto no trabalho, concebe-se facilmente a ausência de toda concepção premeditada e toda vontade;** sua mão, arrastada por uma força oculta, faz no lápis ou no buril o andamento mais irregular e o mais contrário aos preceitos mais elementares da arte, indo, sem cessar, com uma rapidez estranha de um lado ao outro da prancha sem deixá-la, para retornar cem vezes ao mesmo ponto; todas as partes são assim começadas e continuadas ao mesmo tempo, sem que nenhuma seja acabada antes de empreender uma outra. Disso resulta, à primeira vista, um conjunto incoerente, do qual não se compreende o fim senão quando tudo está terminado. Esse

andamento singular não é o próprio do senhor Sardou; vimos todos os médiuns desenhistas procederem do mesmo modo. Conhecemos uma senhora, pintora de mérito e professora de desenho, que goza dessa faculdade. Quando ela desenha como médium, opera, malgrado ela, contra as regras, e por um procedimento que lhe seria impossível seguir quando trabalha sob a sua própria inspiração e em seu estado normal. Seus alunos, disse-nos ela, ririam muito se lhes ensinasse a desenhar à maneira dos Espíritos. ⁽²³⁾
(itálico do original)

Temos, portanto, confirmada a autenticidade do desenho. Cabe aos contraditores a incumbência de demonstrarem que ele não foi obra de Bernard Palissy, mas de algum Espírito que se fez passar por ele ou, quem sabe, de algum brincalhão do alémtúmulo.

Na **Revista Espírita 1860**, mês de julho, foi publicado o artigo “Dos animais”, produto de dissertações espontâneas ditadas pelo Espírito Charlet, em várias sessões da Sociedade, do qual retiramos o seguinte: “Lembrai-vos de que, num desses encantadores desenhos, ele vos representou alguns animais de Júpiter” ⁽²⁴⁾, o que, a nosso ver,

referenda a autenticidade dos desenhos recebido por Sardou.

Em outubro, temos uma mensagem, recebida pela senhora Costel, intitulada “Júpiter”, assinada por Georges, da qual transcrevemos o seguinte trecho:

O planeta Júpiter, infinitamente maior do que a Terra ⁽²⁵⁾, não apresenta o mesmo aspecto. Ele está inundado de uma luz pura e brilhante, que ilumina sem ofuscar. **As árvores, as flores, os insetos, os animais dos quais os vossos são o ponto de partida**, ali são enobrecidos e aperfeiçoados; ali a natureza é mais grandiosa e mais variada, a temperatura é igual e deliciosa; a harmonia das esferas encanta os olhos e os ouvidos. **A forma dos seres que o habitam a mesma que a vossa**, mas embelezada, aperfeiçoada, e sobretudo purificada. Não estamos submetidos às condições materiais de vossa natureza: não temos nem as necessidades, nem as enfermidades que lhes são as consequências. Somos almas revestidas de um envoltório diáfano que conserva as marcas das nossas migrações passadas: aparecemos aos nossos amigos tais como nos conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas nossas impressões interiores que sempre são elevadas.

Júpiter é dividido, como a Terra, em um grande

número de regiões variadas de aspecto, mas não de clima. As diferenças de condições ali são estabelecidas unicamente pela superioridade moral e inteligente; não há nem senhores nem escravos; os graus mais elevados não são marcados senão pelas comunicações mais diretas e mais frequentes com os Espíritos puros, e pelas funções mais importantes que nos são confiadas. **Vossas habitações não podem vos dar nenhuma ideia das nossas, uma vez que não temos as mesmas necessidades.** Cultivamos artes chegadas a um grau de perfeição desconhecido entre vós. Gozamos de espetáculos sublimes, entre os quais o que admiramos mais à medida que o compreendemos melhor, é a inesgotável variedade de criações, variedades harmoniosas que têm seu ponto de partida e se aperfeiçoam no mesmo sentido. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana, nós os encontramos aumentados e purificados, o desejo incessante que temos de chegar à classe dos puros Espíritos não é um tormento, mas uma nobre ambição que nos impele a nos aperfeiçoarmos. [...].⁽²⁶⁾

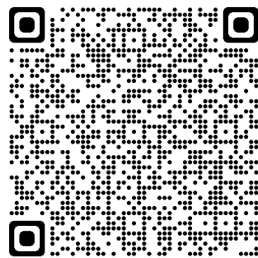
Confirma-se, a existência de habitações, isso sem falarmos na menção que se faz a árvores, insetos e animais.

Espíritos superiores habitantes de Júpiter que se manifestaram

Quando da pesquisa que resultou no ebook ***Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Ocorrem)***

(²⁷) levantamos algumas

manifestações de Espíritos que habitam Júpiter, achamos que seria oportuno que os citássemos.



Foi na *Revista Espírita* que encontramos o registro de manifestações de vários habitantes de Júpiter e também de um outro mundo não identificado.

a) São Luís (²⁸)

Na ***Revista Espírita 1858***, mês de dezembro, tivemos conhecimento de que, na data de 09 de março, veio a informação através do Espírito Bernard de Palissy de que ele habitava Júpiter (²⁹). Se não todas, mas na maioria das obras da Codificação,

encontraremos inúmeras mensagens assinadas por São Luís, pois sua função era a de “Presidente Espiritual da Sociedade” (leia-se: Sociedade de Estudos Espíritas de Paris), conforme ele próprio informara ⁽³⁰⁾

b) **Bernard Palissy** ⁽³¹⁾

Na **Revista Espírita 1858**, mês de março, do artigo “Júpiter e os outros mundos”, destacamos o seguinte parágrafo:

Os Espíritos que habitam Júpiter, geralmente, se comparam, quando querem se comunicar conosco na descrição do seu planeta, e quando se lhes pergunta a razão, respondem que é a fim de nos inspirar o amor ao bem pela esperança de, para lá, ir um dia. Foi com esse objetivo que **um deles, que viveu na Terra com o nome de Bernard Palissy**, o célebre oleiro do décimo sexto século, **empreendeu, espontaneamente e sem ser solicitado para isso, uma série de desenhos** tão notáveis, tanto pela sua singularidade quanto pelo talento da execução, e destinado a nos dar a conhecer, até nos menores detalhes, esse mundo tão estranho e tão novo para nós. [...] **O senhor Victorien Sardou, jovem literato e dos nossos amigos, cheio de talento e de futuro mas em nada desenhista, lhes serviu de intermediário. Palissy nos promete uma série que nos dará, de**

algum modo, a monografia ilustrada desse mundo maravilhoso. [...]. ⁽³²⁾

Conforme registrado na *Revista Espírita 1858*, mês de abril, na data de 09 de março ele se manifesta. Em seu longo diálogo, com 82 perguntas, deu variadas descrições do planeta Júpiter. ⁽³³⁾

c) **Mozart** ⁽³⁴⁾

Na *Revista Espírita 1858*, mês de maio, encontraremos o registro de duas conversas com Mozart ⁽³⁵⁾, que um assinante da *Revista Espírita* noticiou a Allan Kardec. Disse o Codificador não saber de onde e nem quando elas ocorreram. Foi na primeira delas que Mozart afirmou habitar Júpiter. ⁽³⁶⁾

d) **Um antigo magistrado** (?-1756)

Na *Revista Espírita 1858*, mês de julho, o Codificador publica uma carta recebida do Sr. Marius M..., de Bordeaux, datada de 24 de junho, pela razão dela “ter uma parte instrutiva que pode interessar à maioria dos nossos leitores”. Vejamos estes dois parágrafos da missiva:

Em um dos vossos números precedentes, falastes de **desenhos notáveis, feitos pelo senhor Victorien Sardou, e que representam habitações do planeta Júpiter**. O quadro que dele fizestes, sem dúvida nos dá, como a muitos outros, o desejo de conhecê-los; teríeis a bondade de nos dizer se esse Senhor tem a intenção de publicá-los? Não duvido de que tenham um grande sucesso, tendo em vista a extensão que tomam, cada dia, as crenças espíritas. Seria o complemento necessário do quadro, tão sedutor, que os Espíritos deram desse mundo feliz.

Eu vos direi, a esse respeito, meu caro Senhor, que **há quase dezoito meses evocamos, em nosso pequeno círculo íntimo, um antigo magistrado, parente nosso, falecido em 1756**, que foi durante sua vida um modelo de todas as virtudes, e **um Espírito muito superior, embora não tendo lugar na história**. Disse-nos estar **encarnado em Júpiter**, e nos deu um ensinamento moral de uma sabedoria admirável, e em todos os pontos de conformidade com aquele que encerra vosso tão precioso *O Livro dos Espíritos*. Naturalmente, tivemos a curiosidade de **lhe pedir algumas notícias sobre o estado do mundo que ele habita, o que fez com extrema complacência**. Ora, julgai a nossa surpresa e a nossa alegria, quando lemos, na vossa Revista, uma descrição inteiramente idêntica desse planeta, pelo menos nas generalidades, porque não colocamos as questões tão longe quanto vós: tudo nela está conforme, no físico e no moral, e até nas condições dos animais.

Mencionou até habitações aéreas, das quais não falais. (37)

e) Louise Charly (38)

Na *Revista Espírita 1858*, mês de dezembro, em “Conversas familiares de além-túmulo”, temos registrada a mensagem intitulada “A bela cordoeira”. Informam-nos que Louise Charly, apelidada de Labé, cognominada a Belle Cordière, nascida em Lyon, sob François I. (39) Após atender a evocação, respondeu a várias questões, entre as quais disse habitar Júpiter. (40)

f) Diógenes de Sínope (41)

Em “Conversas familiares de além-túmulo”, publicado na ***Revista Espírita 1859***, mês de janeiro, vamos encontrar um diálogo com Diógenes (413-323 a.C.), o renomado filósofo grego. Vejamos esta questão do diálogo:

17. Depois de vossa existência em Atenas reencarnastes na Terra?

Resp. – Não, mas em outros mundos.
Atualmente pertencço a um orbe em que não

somos escravos, ou seja: se vos evocassem em estado de vigília não poderíeis atender ao chamado, como o faço esta noite. ⁽⁴²⁾

Mais um que não foi identificado o mundo.

g) **Benvenuto Cellini** ⁽⁴³⁾

O diálogo com esse Espírito está registrado na **Revista Espírita 1859**, mês de abril, em “Conversas familiares de além-túmulo”, do qual destacamos:

11. **Qual mundo habitais? – R. Não o conheceis e não o vedes.**

12. Poderíeis dar-nos uma descrição dele, quanto ao físico e ao moral? – R. Sim, facilmente.

Quanto ao aspecto físico, meus caros amigos, ali encontrei meu contentamento em beleza plástica: nada choca aos olhos; todas as linhas se harmonizam perfeitamente; a mímica é um estado constante; os perfumes nos cercam, e não poderíamos senão desejar o nosso bem-estar físico, porque as necessidades, pouco numerosas, às quais estamos submetidos, são logo satisfeitas.

Pelo moral, a perfeição é menor, porque ali ainda se podem ver consciências perturbadas e Espíritos levados ao mal; não é a perfeição, longe disso, mas, como vos disse, é dela o caminho, e

todos esperamos alcançá-la um dia.

13. Quais são as vossas ocupações no mundo que habitais? – R. Trabalhamos as artes. Sou artista. ⁽⁴⁴⁾

Uma pena não ter sido identificado o planeta, mas a informação é importante para comprovar que pessoas vivas que habitam outros orbes também podem se comunicar conosco.

h) **Mercure Jean**

Da **Revista Espírita 1859**, mês de dezembro, destacamos o registro da ata da reunião ocorrida na Sexta-feira, 28 de outubro de 1859:

4ª Evocação de **Mercure Jean**, aventureiro, que partiu de Lyon em 1478 e foi apresentado a Louis XI. Deu esclarecimentos sobre as faculdades sobrenaturais das quais se acreditava dotado, e das **notícias curiosas sobre o mundo que habita neste momento**. (Será publicada.)

Apesar da promessa de publicar o diálogo com Mercure Jean, o Codificador não a publicou, por razões que desconhecemos.

i) **Eugène Scribe** ⁽⁴⁵⁾

Em “Conversas familiares de além-túmulo”, da **Revista Espírita 1861**, mês de outubro, transcrevemos do seu diálogo:

Perg. Numa comunicação que ditastes, há pouco tempo, à senhorita J..., e que foi lida na Sociedade, dissestes que o que fez a vossa reputação sobre a Terra não a fez no céu, e que vós teríeis podido melhor empregar os dons que recebestes de Deus. Seríeis bastante bom para nos desenvolver este pensamento, e nos dizer em que as vossas obras são repreensíveis; parece-nos que elas têm um lado moral, que abriram um caminho ao progresso, num certo sentido?

Resp. Tudo é relativo; **hoje, no mundo elevado onde me encontro**, não vejo mais com os meus olhos terrestres, e penso que com os dons que recebi do Todo-Poderoso, eu poderia chegar a melhor para a Humanidade; eis porque disse que não tinha trabalhado pelo céu. Mas não posso exprimir, em algumas palavras, o que vos gostaria de dizer lá de cima, porque, vós o sabeis, eu era um pouco verboso. ⁽⁴⁶⁾

É mais um que não citou o planeta que habita.

j) **Viúva F.**

Do artigo “Instruções dos Espíritos sobre a regeneração da humanidade”, publicado na **Revista Espírita 1866**, mês de outubro, citaremos o seguinte trecho do 1º parágrafo da mensagem, datada de 1º de setembro de 1866, cuja assinatura é “Viúva F.”:

[...] No entanto, eu estava lá e seguia com o maior interesse os progressos desta cara Doutrina à qual devo a felicidade e a calma dos últimos anos de minha vida. Eu estava lá, e o meu bom amigo, o Sr. T.....vos deu, mais de uma vez, a segurança durante suas horas de sono e de êxtase. Ele inveja minha felicidade, e **aspira também a vir para o mundo que habito agora, quando o contempla brilhando no céu estrelado** e que ele transporta seu pensamento sobre suas rudes provas. ⁽⁴⁷⁾

Aqui também não foi informado o mundo.

k) **Comunicação coletiva**

Esta foi uma ocorrência inusitada por se tratar de uma comunicação coletiva, ocorrida na Sociedade de Paris, em 1º de novembro de 1866, através de um único médium, no caso o Sr. Bertrand, e registrada na **Revista Espírita 1867**, mês de março.

Eis os quarenta e três nomes que constam como assinaturas das mensagens, a grande maioria com frases curtas, por sinal:

Dr. Demeure, Mesmer, Napoleão, General Bertrand, General Brune, Louis XVI, Lafayette, Newton, Jean Reynaud, François Arago, Beranger, Eugène Sue, Jacques Arago, Meyerbeer, Casimir Delavigne, Flandrin, Alfred de Musset, São Luís, Héloïse, Abélard, Bernardin de Saint-Pierre, Sócrates, Platão, Fénelon, Voltaire, Cornielle, Lafontaine, Esopo, Racine, Bonnefond, Molière, J.-J. Rousseau, Balzac, La Rochefoucault, Martin, Pascal, Descartes, Lamennais, Lacordaire, Boileau, Bossuet, Massillon e Sibour. ⁽⁴⁸⁾

Acrescente-se uma mensagem, na qual não constou nenhum nome do autor.

Na oportunidade, o Espírito Slener se manifestou explicando como ocorreu o fenômeno de um só médium “receber” mensagens de vários Espíritos no mesmo período.

Embora no capítulo anterior - Análise Doutrinária do Tema - já tenhamos transcrito e

comentado, precisamos novamente citar o seguinte trecho, pois ainda resta uma importante dúvida a ser levantada. Eis a explicação dada por outro Espírito, que não se identificou:

Uma outra questão é esta: Entre **esses Espíritos, não há os que estão encarnados neste mundo ou em outros**, e, neste caso, como podem se comunicar? Eis a resposta que disto nos foi dada:

“Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite se comunicar simultaneamente em vários pontos. **Em alguns, o estado de encarnação não amortece essa irradiação de maneira bastante completa para os impedir de se manifestarem mesmo no estado de vigília.** Quanto mais o Espírito é avançado, mais são fracos os laços que o unem à matéria do corpo; ele está num estado quase constante de desligamento, e pode-se dizer que está lá onde dirige seu pensamento.”

UM ESPÍRITO ⁽⁴⁹⁾ (itálico do original)

Portanto, na lista de nomes haveria Espíritos encarnados em outros mundos e também na Terra, embora não foram especificados quais seriam os que aqui habitavam.

Os equívocos do astrônomo francês Camille Flammarion

Inserimos este capítulo pela necessidade de ampliar um pouco as informações e para citar a opinião desse destacado espírita que viveu à época de Allan Kardec.

O personagem que mencionaremos é o renomado astrônomo francês Camille Flammarion (1842-1925), sobre o qual informamos:



Importante pesquisador da astronomia, também tornou-se pesquisador de fenômenos espirituais. Estudou na Associação Politécnica de Paris em cursos gratuitos. Alfabetizado aos 5 anos, escreveu sua primeira obra, “*O Mundo antes da Aparição dos Homens*”, aos 16 anos. Com a mesma idade, foi admitido no Observatório de Paris como auxiliar e aluno de Astronomia. Após sua saída do Observatório, escreveu a obra que o tornaria

famoso, “A Pluralidade dos Mundos Habitados”.

É considerado o popularizador da Astronomia e, “segundo Gabriel Delanne, foi um filósofo enxertado em sábio, possuindo a arte da ciência e a ciência da arte” (“Grandes Vultos do Espiritismo”, página 67). Autor de várias obras sobre Astronomia, fundou ainda a Sociedade Astronômica da França, em 1887. ⁽⁵⁰⁾

Em **O Que é o Espiritismo**, Cap. III – Solução de alguns problemas pela Doutrina Espírita, do tópico “Pluralidade dos Mundos”, transcrevemos:

105. Os diferentes mundos que circulam no espaço, terão habitantes como a Terra?

Todos os Espíritos o afirmam e a razão diz que assim deve ser. A Terra não ocupa no Universo nenhuma posição especial, nem por sua colocação, nem pelo seu volume, e **nada justificaria o privilégio exclusivo de ser habitada.** Além disso, **Deus não teria criado milhares de globos, com o fim único de recrear-nos a vista,** tanto mais que o maior número deles se acha fora de nosso alcance. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 55. *Revue Spirite*, 1858, pág. 65: **Pluralité des mondes, por Flammarion.**)

106. Se os mundos são povoados, serão seus habitantes, em tudo, semelhantes aos da Terra? Em uma palavra, poderiam eles viver entre

nós, e nós entre eles?

A forma geral poderia ser, mais ou menos, a mesma, mas **o organismo deve ser adaptado ao meio em que eles têm de viver**, como os peixes são feitos para viver na água e as aves no ar.

Se o meio for diverso, como tudo leva a crê-lo e como parece demonstrá-lo as observações astronômicas, a organização deve ser diferente; não é, pois, provável que, em seu estado normal, eles possam mudar de mundo com os mesmos corpos. Isto é confirmado por todos os Espíritos.

107. Admitindo que esses mundos sejam povoados, estarão na mesma colocação que o nosso, sob o ponto de vista intelectual e moral?

Segundo o ensino dos Espíritos, **os mundos se acham em graus de adiantamento muito diferentes**; alguns estão no mesmo ponto que o nosso; outros são mais atrasados, sendo sua humanidade mais bruta, mais material e mais propensa ao mal. Pelo contrário, **outros são muito mais adiantados moral, intelectual e fisicamente**; neles, o mal moral é desconhecido, as artes e as ciências já atingiram um grau de perfeição que foge à nossa apreciação; **a organização física, menos material, não está sujeita aos sofrimentos, moléstias e enfermidades**; aí os homens vivem em paz, sem buscar o prejuízo uns dos outros, isentos dos desgostos, cuidados, aflições e necessidades que os apoquentam na Terra. Há, finalmente, **outros ainda mais adiantados, onde o invólucro**

corporal, quase fluídico, se aproxima cada vez mais da natureza dos anjos. Na série progressiva dos mundos, o nosso nem ocupa o primeiro nem o último lugar, mas é um dos mais materializados e atrasados. (*Revue Spirite*, 1858, págs. 67, 108 e 223. – Idem, 1860, págs. 318 e 320. – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III.)⁽⁵¹⁾

Então, temos que todos os planetas são habitados, seus habitantes têm constituição física diferente da nossa, adaptada às condições do meio em que vivem e, além disso, estão em graus evolutivos diferentes. Nos mundos mais adiantados o invólucro corporal é quase fluídico, ou seja, matéria quintessenciada.

Interessante é a menção ao artigo “Pluralidade dos mundos”, por Camille Flammarion, publicado na *Revista Espírita 1858*, pois nele Allan Kardec formalmente não disse ser da autoria do astrônomo francês.

Na *Revista Espírita* existe uma série de “notáveis dissertações assinadas por Galileu”⁽⁵²⁾ recebidas mediunicamente por Camille Flammarion. O Codificador o tinha como médium, porém, tempos

depois, o astrônomo passou a acreditar que tudo era eco do que já sabia (⁵³).

Em 1862, Camille Flammarion publica a obra **Pluralidade dos Mundos Habitados**, do Livro Quinto - A humanidade no Universo, cap. I - Os habitantes dos outros mundos, destacamos os seguintes trechos:

Começaremos por um dos primeiros filósofos, por um de nossos mais profundos pensadores.

O pai da filosofia alemã, **Emmanuel Kant**, estabeleceu, em sua *História geral da natureza*, que **a perfeição física e moral dos homens dos planetas aumenta conforme o afastamento dos mundos ao Sol**. Esta lei é corroborada por uma outra, que está longe de ser aceitável: **a matéria, diz ele, de que são formados os habitantes dos diversos planetas, animais e vegetais, deve ser de uma natureza tanto mais ligeira e mais sutil**, e seu tipo de encarnação oferece vantagens tanto mais consideráveis quanto maior for a distância que separa estes habitantes e o Sol.

[...]. Segundo esta teoria, **os habitantes dos planetas inferiores**, de Mercúrio e de Vênus, são demasiado materiais para serem racionais, e suas faculdades intelectuais não são desenvolvidas o suficiente para que tenham a responsabilidade por seus atos; os habitantes da Terra e de Marte estão

num estado intermediário entre a imperfeição e a perfeição, em luta perpétua com a Matéria, que tende aos instintos inferiores, e o Espírito, que tende ao bem, sendo tanto mais verossímil que esses dois planetas, análogos em suas condições astronômicas, ocupem a mesma posição numa região média do grupo solar; **os habitantes dos planetas afastados, de Júpiter aos limites do sistema que o ilustre filósofo, antecipando as descobertas futuras, coloca além de Urano, desfrutam de um estado de perfeição e felicidade superior**; os dois versos seguintes, de Haller, podem ser-lhe aplicados: Talvez os astros sejam a morada de Espíritos glorificados; Assim como aqui reina o vício, lá no alto a virtude é soberana.

Sobre os habitantes de Júpiter, Kant faz observar que as condições de existência de que este planeta está revestido seriam incompatíveis com o estado dos habitantes da Terra. “No que concerne à duração do dia”, diz ele, “o lapso de dez horas que o constitui mal seria o necessário a nosso repouso e a nosso sono. [...] Todos os seus esforços seriam impotentes para lhe fazer obter um resultado útil depois de ter trabalhado por cinco horas, ele se veria de súbito interrompido por uma noite de mesma duração. **Se Júpiter, ao contrário, é habitado por seres mais perfeitos, unindo, a um organismo mais perfeito, mais força e atividade na prática da vida, é permitido augurar que suas cinco horas lhes rendem tanto ou mais que doze horas de dia à nossa humilde humanidade terrestre.**”

Esta maneira de considerar a correlação que existe sobre Júpiter entre as condições fisiológicas deste mundo e a natureza dos seus habitantes é sem dúvida científica, e é a única que possa adotar todo homem bom observador. Mas não é o mesmo com a doutrina geral de Kant, doutrina de que muitos filósofos compartilharam, com algumas variantes de sistema. Entre os astrônomos, **o célebre Bode** emitiu a mesma opinião no seu Considerações sobre a disposição do Universo. Segundo seu princípio, **a matéria de que os seres dotados de razão, os animais e as plantas são formados seria tanto mais leve, mais fina e mais sutil**, suas partes seriam melhor coordenadas entre si; em uma palavra: **o envoltório corporal seria tanto mais apropriado para servir a alma, quanto o planeta fosse mais afastado do astro central**. Considerando, pois, o conjunto do Universo como um vasto sistema composto de sistemas múltiplos, Bode viu do centro para as extremidades uma imensa escala de perfeição nas criaturas organizadas e nos seres dotados de razão. As criaturas colocadas abaixo da escala diferem pouco da matéria bruta; as que ocupam o degrau mais alto se aproximam dos seres que ocupam a última classe na ordem sublime das inteligências puras. ⁽⁵⁴⁾

Embora o afastamento do Sol tenha sido a base para a linha de raciocínio sobre a graduação dos mundos e dos seres, que neles habitam, não

deixa de ser muito interessante o que o filósofo Immanuel Kant (1724-1804) e o astrônomo Johann Elert Bode (1747-1826) pensavam, pois têm forte similitude com o que se acredita no Espiritismo, que nos induz a aceitar uma relação direta entre essas duas graduações.

Camille Flammarion nos pareceu aprovar o pensamento dos dois, não o seu ponto de partida, ao dizer que “Esta maneira de considerar a correlação que existe sobre Júpiter entre as condições fisiológicas deste mundo e a natureza dos seus habitantes é sem dúvida científica.”

Continuando a transcrição:

Este conceito do conjunto da criação é mais sedutora que bem fundada; o princípio sobre o qual repousa está longe de ser provado, pois **não há nenhum fato da observação que indique uma tal gradação nos mundos, segundo suas distâncias respectivas ao Sol**: seríamos mesmo levados a crer que o rigor das condições extremas, como o frio, a escuridão etc., estabeleceria uma gradação oposta; mas não se tem aqui nenhuma base fundamental. Há, com certeza, **um plano e uma unidade na Natureza; mas vimos, em nossas discussões sobre as causas finais, que**

esse plano e essa unidade não são aqueles concebidos pelos homens, e que a obra da Natureza se cumpre muitas vezes por caminhos ocultos, que talvez fiquem para sempre desconhecidos de nós. De resto, **a doutrina que acabamos de resumir não se baseia sobre nenhum fato da observação, e não concorda de maneira alguma com os dados astronômicos que possuímos sobre cada planeta; ela é puramente imaginária.** Natureza é uma palavra que deve exprimir, para a mente do filósofo, a ação permanente da força criadora, ou, para falar mais exatamente, a ação permanente das volições divinas; mas **a Natureza não é uma pequena pessoa que age segundo as regras estreitas idealizadas pelo homem, e que se submete, em suas criações, a estas leis arbitrárias, parciais e muitas vezes caprichosas, que às vezes imaginamos surpreender nela.** Ordinariamente é o contrário o que acontece, e no exemplo que acima de tudo nos ocupa, ela não parece ter seguido nenhuma regra deste gênero para espalhar seus dons sobre os mundos planetários, e de Mercúrio a Netuno não há outra gradação conhecida senão a que resulta necessariamente de suas distâncias respectivas ao Sol; quanto aos tamanhos, densidades, diversas condições astronômicas, número de satélites etc., nossas considerações do livro II mostraram que não existe nenhuma lei de proporcionalidade. Do espetáculo de nosso sistema, **não se poderia razoavelmente inferir uma gradação regular na ordem física, moral e intelectual das humanidades**

planetárias, e não se poderia apoiar em nenhuma autoridade científica para adiantar que, do centro ao sistema à periferia, haveria decréscimo ou progresso nas faculdades do homem.

Se se julga pelo que se passa ao redor de nós na Terra, as ciências fisiológicas nos ensinam, ao contrário (salvo algumas reservas de que falaremos), que os mundos suscetíveis do estado mais avançado de civilização, ou, melhor dizendo, que os mundos habitados por um tipo de seres superiores, física e moralmente, são os que reúnem as condições de existência mais favoráveis à manutenção luxuriante da vida, e que são adequados para fornecer a seus habitantes a carreira mais suave e mais longa. [...] E, em todo caso, o resultado de nossa observação e de nosso raciocínio não poderia ser estendido de maneira absoluta à universalidade dos mundos, porque **seu valor se atenua consideravelmente a partir do momento em que não tomamos mais a existência terrestre como comparação**; e como na realidade as humanidades planetárias diferem da nossa em sua natureza íntima, modo de viver, funções vitais e em tudo o que constitui sua maneira de ser, **vemos que toda afirmação a seu respeito peca, necessariamente, pela base.** ⁽⁵⁵⁾

Temos aí, Camille Flammarion argumentando contra a base que considera o afastamento do Sol como parâmetro para as duas graduações: dos mundos e dos seres que os habitam.

Em **O Livro dos Espíritos**, em nota à resposta da questão 188, Allan Kardec afirma que:

O volume de cada globo e a distância que estão do Sol não guardam, necessariamente, nenhuma relação com o grau do seu adiantamento; se assim fosse, Vênus deveria ser tido por mais adiantado do que a Terra e Saturno menos do que Júpiter. ⁽⁵⁶⁾

Portanto, a questão do afastamento do Sol quanto a não ser parâmetro para “medir” o grau de elevação dos habitantes e dos mundos, também reflete o pensamento de Allan Kardec.

Seguindo em frente, lemos:

Apesar do resultado de nossos estudos, **o conjunto de nossos conhecimentos não vem confirmar este julgamento**, que não tem outro fundamento senão a ilusão de nossos sentidos e essa pequena dose de vaidade que cada um traz consigo, ao vir ao mundo. Ao contrário, pode-se colocar como princípio que, **para avaliar sadiamente a natureza das coisas, importa antes de tudo não tomarmos a nós mesmos como ponto de comparação**, e não ver os objetos em seu valor relativo frente a nós, mas tentar conhecê-los em seu valor absoluto. Este é um

princípio cuja importância é preciso apreciar, e que se deve aplicar sobretudo nos estudos da ordem que consideramos aqui.

Os mais sábios entre aqueles que estudaram esta questão misteriosa da habitação dos globos celestes foram aqueles que, a exemplo de Lambert ⁽⁵⁷⁾ em suas sábias *Cartas cosmológicas*, **reconheceram a impossibilidade em que estamos de emitir conjeturas plausíveis sobre a forma dos habitantes dos outros mundos**, e que, dóceis às lições da Natureza, compreenderam que a força vivificadora cuja influência fez germinar as gerações espontâneas na origem dos seres **agiu em todos os lugares, segundo os elementos variados inerentes a cada um dos mundos**.

Pode-se afirmar que todo homem, qualquer que seja, que pretenda seriamente definir a humanidade de uma outra terra, caracterizar suas condições de existência, fazer conhecer seu estado físico, intelectual ou moral, explicar sua natureza e sua maneira de ser; pode-se afirmar, dizíamos, que todo homem que emite tais pretensões está no erro mais vão. Tanto quanto proclamamos com a certeza de uma convicção inabalável a verdade da pluralidade dos Mundos, igualmente repudiamos o título de colonizador de planetas. E sustentamos que, no estado atual de nossos conhecimentos, é impossível encontrar a solução do problema. ⁽⁵⁸⁾
⁽⁵⁹⁾

Eis aqui, pois, a mais sábia e rigorosa conclusão

que poderíamos tirar do espetáculo do mundo, e pela qual poderíamos resumir o nosso estudo:

I – As forças diversas que estiveram em ação na origem das coisas deram nascimento, nos mundos, a uma grande diversidade de seres, seja nos reinos inorgânicos, seja nos reinos orgânicos;

II – **Os seres animados foram, desde o começo, constituídos segundo formas e organismos em correlação com o estado fisiológico de cada uma das esferas habitadas;**

III – **Os homens dos outros mundos diferem de nós, tanto em sua organização íntima quanto em seu tipo físico exterior.** ⁽⁶⁰⁾

Eis o nosso problema: não temos como saber a organização dos seres que habitam Júpiter, nem quanto ao modo de vida deles.

[...] **Se tomamos um astro em particular, por exemplo Júpiter,** os elementos deste globo, a brevidade de seus dias e noites, a rapidez de seu movimento, a intensidade de sua gravidade, o grau de luz e de calor que recebe do Sol, o concurso, enfim, de todas as condições nas quais este mundo está colocado, **esta reunião de elementos tão essencialmente distintos dos elementos terrestres constituiu em sua superfície uma ordem de existências incompatível com aquele ao qual pertencemos na Terra.** Desde o primeiro

elo da cadeia dos seres, a ação da Natureza foi diferente de sua ação nos primeiros dias de nosso globo. **Vegetais, animais, reino orgânico são submetidos, como a matéria inanimada, à mecânica e à física dos globos, que regem como soberanas as funções e regulam com autoridade a disposição dos órgãos.** É por elas que todo modo de vida está organizado, é delas que o ser recebe sua forma e sua lei de existência. Portanto, **os habitantes de Júpiter, e portanto, os de todos os mundos, diferem de nós.** ⁽⁶¹⁾

Ao que acabamos de dizer, acrescentamos que se tivéssemos tecnologia suficiente para construir uma nave espacial com o qual pudéssemos enviar homens para explorar Júpiter, a chance de nada sabermos de sua constituição e de seus habitantes, seria grande, especialmente se toda a matéria existente nele estiver num estado imperceptível aos nossos sentidos.

Aliás, entendemos que qualquer explorador que tenha pousado sua nave em algum planeta, ao voltar jamais poderia dizer que não há vida nele. O máximo, que a lógica lhe permitiria dizer, é que não há vida conforme ele conhece, ou seja, o único parâmetro que tem é a natureza terrena.

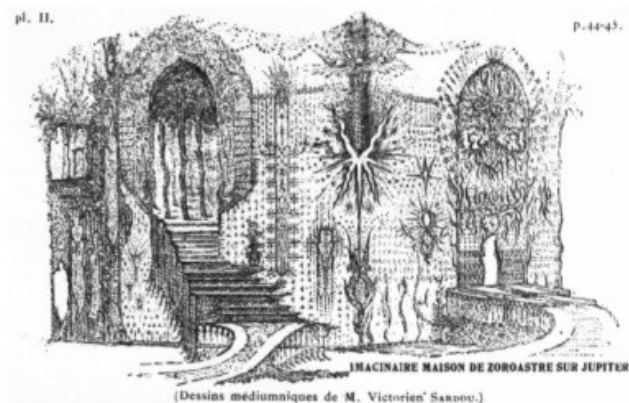
Entendemos que, na atualidade, a única forma que temos de obter informações sobre os planetas é pela revelação de Espíritos, sem nos esquecermos dessa importante recomendação de Erasto: “É melhor repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea.” (62)

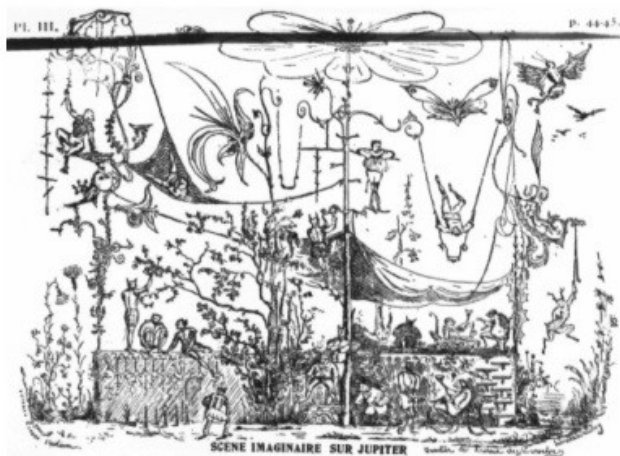
Recorreremos a outra obra de Camille Flammarion intitulada **As Forças Naturais Desconhecidas**, para destacar do cap. 2 - Minhas primeiras experiências no grupo de Allan Kardec e com médiuns daquela época, o seguinte:

Reuníamos-nos todas as sextas-feiras, à noite, no salão da **Sociedade**, na passagem Sainte-Anne, **que estava sob a proteção de São Luís**. O presidente abria a sessão com uma “invocação aos bons Espíritos”. Admitia-se, em princípio, que Espíritos invisíveis estavam presentes e se comunicavam. Após essa invocação, era solicitado a um determinado número de pessoas sentadas à grande mesa, que se abandonassem à inspiração e que escrevessem. Qualificavam-nas de “médiuns escreventes”. Essas dissertações eram lidas, a seguir, para um auditório atento. **Não se fazia nenhuma experiência física de mesa girante, movente ou falante. O presidente, Allan Kardec, declarava não dar nenhum valor a elas.** Parecia

que, para ele, os “ensinamentos dos Espíritos” deviam formar a base de uma nova doutrina, de uma espécie de religião.

Na mesma época, e já há vários anos, meu ilustre amigo, **Victorien Sardou** ⁽⁶³⁾ que tinha sido um ocasional frequentador do Observatório, **escrevera, como médium, páginas curiosas sobre os habitantes do planeta Júpiter e produziu desenhos pitorescos e surpreendentes**, cujo intuito era o de representar as coisas e seres daquele mundo gigante. **Ele desenhara as habitações de Júpiter.** Uma de suas habitações coloca sob nossos olhos **a casa de Mozart, outras, as casas de Zoroastro e de Bernard Palissy** ⁽⁶⁴⁾, que seriam vizinhos rurais naquele imenso planeta. **Essas habitações são etéreas e de uma requintada leveza.** Poderemos julgá-las pelas duas figuras aqui reproduzidas (Pranchas II e III).





A primeira representa a casa de Zoroastro e, a segunda, “o espaço dos animais”, na residência do mesmo filósofo. Nele podemos encontrar flores, redes, balanços, seres voadores e, embaixo, animais inteligentes que estão jogando um tipo especial de boliche, que consiste não em derrubar os pinos, mas em encaixá-los, como no bilboquê etc. **Esses curiosos desenhos provam, indubitavelmente, que a assinatura “Bernard Palissy, em Júpiter” é apócrifa e que não foi um Espírito habitante desse planeta que dirigiu a mão de Victorien Sardou.** Não foi, tampouco, o espiritual autor que concebeu previamente esses croquis e executou-os seguindo um plano determinado. Ele se encontrava, então, em um estado especial de “mediunidade”. Nesse estado, não somos nem magnetizados, nem hipnotizados, nem adormecidos de modo algum. Mas nosso cérebro não ignora o que produzimos, suas células

funcionam e agem, certamente por meio de um movimento reflexo sobre os nervos motores. **Todos nós acreditávamos, então, que Júpiter era habitado por uma raça superior: aquelas comunicações eram, portanto, o reflexo das ideias gerais.** Hoje, não imaginaríamos nada de semelhante neste globo e, aliás, **nunca as sessões espíritas nos ensinaram qualquer coisa sobre astronomia.** Tais resultados não provam de forma alguma a intervenção dos espíritos. Os médiuns escreventes deram sobre isso alguma **prova mais convincente?** É o que teremos de examinar, sem qualquer parcialidade.
(65)

Tivemos a nítida impressão de que o astrônomo faz uma sutil crítica a Allan Kardec por não ter feito experiência física de mesa girante.

Bem taxativo disse “Esses curiosos desenhos provam, indubitavelmente, que a assinatura ‘Bernard Palissy, em Júpiter’ é apócrifa e que não foi um Espírito habitante desse planeta que dirigiu a mão de Victorien Sardou”. Ora, ora, caro astrônomo, cadê as provas objetivas disso que fala? A sua opinião é totalmente subjetiva, essa é a grande verdade.

E, por fim, Camille Flammarion questiona: “Os

médiuns escreventes deram sobre isso alguma **prova mais convincente**? É o que teremos de examinar, sem qualquer parcialidade”.

Infelizmente, o que fala, no texto que transcrevemos, nada tem de sua afirmação: “examinar, sem qualquer parcialidade”. Nós esforçaremos para nos manter nessa linha, trazendo “provas consistentes”.

1ª) Não vemos coerência alguma em designar alguém de ser “o bom senso encarnado” ⁽⁶⁶⁾ e não aceitar que Allan Kardec não se manifestou contrário à ideia.

2ª) Poucos sabem que o Espírito São Luís, protetor da Sociedade de Paris, era habitante de Júpiter. ⁽⁶⁷⁾ A pergunta, que não quer calar, é: por que motivo ele não alertou sobre a impropriedade dos desenhos sobre Júpiter, dizendo-a apócrifa?

3ª) Encontramos estes espíritos confirmando:

a) Charlet:

Entretanto, antes de falar disso, duas palavras

sobre um mundo chamado Júpiter, e do qual o engenhoso e imortal Palissy vos deu alguns resumos **estranhos e sobrenaturais para a vossa imaginação**. [...]. ⁽⁶⁸⁾

b) Georges, já mencionado, mas vamos relembrar este pequeno trecho:

O planeta Júpiter, infinitamente maior do que a Terra, [...] **As árvores, as flores, os insetos, os animais dos quais os vossos são o ponto de partida**, ali são enobrecidos e aperfeiçoados; [...] **A forma dos seres que o habitam a mesma que a vossa**, mas embelezada, aperfeiçoada, e sobretudo purificada. Não estamos submetidos às condições materiais de vossa natureza: não temos nem as necessidades, nem as enfermidades que lhes são as consequências. **Somos almas revestidas de um envoltório diáfano** que conserva as marcas das nossas migrações passadas: [...]. ⁽⁶⁹⁾

c) Bernard Palissy, autor dos desenhos:

6. **Com qual objetivo traçaste, pela mão do senhor Victorien Sardou, os admiráveis desenhos** que nos deste sobre o planeta Júpiter, que tu habitas? – R. **Com o objetivo de inspirar o desejo de vos tornardes melhores**. ⁽⁷⁰⁾

4ª) Que todos da Sociedade de Paris acreditavam que Júpiter era habitado por uma raça superior, é fato, mas isso não é a razão pela qual “aquelas comunicações eram, portanto, o reflexo das ideias gerais”, conforme afirma o astrônomo.

Só faltou dizer, à maneira do Pe. Quevedo ⁽⁷¹⁾, que tudo era produto do inconsciente, como o afirmam inúmeros detratores do Espiritismo. Entretanto, pensam assim em relação as mensagens escritas ou faladas, nunca em relação a desenhos, já que não haveria convergência alguma no público quanto ao que desenhar.

Aliás, Allan Kardec disse que nem mesmo representava o pensamento de Sardou: “o pensamento do médium permaneceu estranho à confecção do desenho” ⁽⁷²⁾.

5ª) Se Victorien Sardou desenhou sem saber nada dessa arte ⁽⁷³⁾, a nosso ver, significa que era um médium de incorporação, no sentido lato do termo, apesar de alguns espíritas não verem dessa forma.

Para explicar a razão de pensarmos assim,

julgamos oportuno transcrever da obra **Uma Olhada no Além**, do médium Jozef Rulof (1898-1952), os seguintes parágrafos:

Neste momento levei-o a uma situação de transe e agora não é ele quem fala para vocês, mas sou eu, Alcar, o seu líder, de quem ele já lhe contou muito. **Eu tomei posse do corpo físico para desenhar através dele e falar com vocês.**

[...].

Agora o André está em transe, assim como nós o denominamos, isto significa que **o seu próprio Espírito está fora do corpo e que eu**, como Espírito, que já morri há muito tempo na Terra e que agora, vivendo no Além, **tomei o seu corpo físico.**

Assim pude desenhar agora e mais tarde também pintaremos. Assim falaremos através dele, ele fará maravilhas, é que nós o vamos desenvolver ainda mais. Diga isto a ele. ⁽⁷⁴⁾

Numa tarde isso aconteceria pela primeira vez, **após Alcar lhe comunicar que um pintor francês desejava fazer uso do corpo dele** e que algumas pessoas poderiam estar presentes.

[...].

Sentado diante do cavalete ele entrou em transe um pouco após as duas horas.

O espírito que quis pintar através dele pegou

imediatamente a paleta e os pincéis e começou a trabalhar com mão firme.

O André, antes disso, nunca tivera uma paleta na mão, mas o ser inteligente que se apoderou dele mostrou grande competência. Todos os presentes viram que ali, realmente, um artista estava trabalhando. ⁽⁷⁵⁾

A seguir, também **fazia muitas sessões de desenho e pintura**, que eram lindas. Nunca sabiam de antemão o que viria e ficavam curiosos aquilo que chegariam a ver. **Ele já tinha recebido peças lindas, apesar de nunca ter frequentado aulas de desenho e pintura. Tudo acontecia sem ele presenciar conscientemente**, ele era apenas a ferramenta. [...].

O seu espírito deixava o corpo, quando ele estava em transe e uma inteligência tomava o seu organismo. Sobre isso, os Homens deveriam refletir, isso era algo especial. Com isso ficava provado claramente que a morte não é a morte, mas que, **aqueles que morrem aqui na Terra, prosseguem e até são capazes de fazer lindas peças de pintura e muito mais.** ⁽⁷⁶⁾

Antes dele ser levado em transe, precisava rezar, a seguir tomava lugar diante do cavalete e aguardava as coisas que viriam. As inteligências não deixavam que esperassem muito por elas e, dentro de alguns minutos, **ele estava em transe; o seu espírito estava fora do corpo físico, que era tomado por um pintor espiritual.**

Exatamente na hora combinada, naquela tarde, estavam presentes todos os convidados, entre eles encontravam-se dois pintores. **O pintor que se manifestava, montou uma peça com técnica miraculosa.**

Todos os presentes achavam muito interessante, porque, como ambos os pintores disseram, **uma técnica dessa, só podia ser própria de alguém que tinha feito, realmente, um estudo disso.**

A peça ficou pronta em duas horas, era uma apresentação do mar com rochas e teve como título: “Junto à costa da Irlanda.” **Depois, o seu espírito retornou ao seu corpo.** Mas, depois de algum tempo, o Alcar levou-o novamente em transe e falou aos presentes, [...]. ⁽⁷⁷⁾

Como concentrar-se-ia em si mesmo, enquanto nem estava mais vivendo no seu corpo? Eles não acreditavam que ele saiu do corpo? **Quando ele pintava e um espírito fazia uso do seu corpo, todavia, também ele saía do seu corpo.** E todavia a pintura estava a ser executada. Isso seria possível quando ele mesmo não sabia nada disso? Precisar-se-ia ele mentir a si mesmo e admitir que era assim? Poderia ele se lograr a si mesmo se a força, a consciência, deixar o corpo? ⁽⁷⁸⁾

Certa manhã recebeu a notícia do Alcar, que o **Wolff queria pintar uma tela grande.** Ele fez o que o Alcar lhe encarregou e encomendou a tela e todos os outros utensílios. À tarde, quando os entregaram na sua casa, **imediatamente ficara**

sob influência do artista do Além e em meia hora o Wolff registrou uma rocha no mar, como esboço. Depois, o **Wolff trabalhou mais duas manhãs na tela de 1,20 x 1,50 e estava pronta. Duas horas o Wolff trabalhou na tela. Como era possível, um quadro tão grande e lindo, terminar em duas horas?** Depois o André recebeu a notícia de que ela significava a sua própria rocha de vida. [...].⁽⁷⁹⁾

Conforme já o dissemos alhures, podemos até estar enganados, mas a nossa percepção dos médiuns psicopictográficos, os que exercem a “pintura mediúnica”, geralmente, nada conhecem das várias técnicas de pintura, é que em todos eles ocorre o fenômeno da incorporação, por ser a forma com a qual um desencarnado pode manipular totalmente o corpo do médium conseguindo realizar o trabalho de pintura com toda a sua delicadeza, vencendo, obviamente, a incapacidade artística de seu instrumento mediúnico.

Em ***O Livro dos Médiuns***, Segunda Parte, cap. XVI, item 190, temos:

Médiuns pintores ou desenhistas – São os que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos.

Falamos dos que obtêm trabalhos sérios, visto não se poder dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante.

Os Espíritos levianos são imitadores. **Na época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu grande número de pretensos médiuns desenhistas, que Espíritos levianos induziram a fazer as coisas mais ridículas.** Um deles, entre outros, querendo suplantar os desenhos de Júpiter, se não pela qualidade, ao menos nas dimensões, fez que um médium desenhasse um monumento que ocupava muitas folhas de papel para chegar à altura de dois andares. **Muitos outros se divertiram fazendo que os médiuns pintassem supostos retratos, que eram verdadeiras caricaturas.** (*Revista Espírita*, agosto de 1858.)⁽⁸⁰⁾

Essa referência aos desenhos de Júpiter nos leva a concluir que Allan Kardec os aceitava como verdadeiros, pois criterioso, analisou vários outros desenhos sobre variados temas que teve em mãos, muitos dos quais os qualificou de ridículos.

Na ***Revista Espírita 1861***, mês de outubro, no artigo “O Espiritismo em Lyon”, o Codificador faz menção a um outro médium desenhista:

Trouxemos uma coleção de desenhos extremamente notáveis de um médium desenhista que não sabe desenhar; **eles rivalizam, pela execução e complicação, com os desenhos de Júpiter, embora num outro gênero.** [...]. ⁽⁸¹⁾

Aqui também vemos a ação criteriosa de Allan Kardec, analisando tudo.

Camille Flammarion ainda argumentou que “nunca as sessões espíritas nos ensinaram qualquer coisa sobre astronomia”. Será que queria algo particular ou alguma revelação extraordinária? Isso, não sabemos. Mas é notório que a preocupação dos Espíritos era trazer elementos para nos incentivar a progredir moralmente, inclusive, os desenhos de Júpiter têm esse objetivo, como vimos.

Para finalizar este capítulo, trazemos esta frase do astrônomo, por ser bem oportuna:

[...] é dever do investigador abster-se completamente de qualquer sistema de teorias, até que ele tenha resumido um número de fatos suficientes para formar uma base sólida a qual ele possa raciocinar. [...]. ⁽⁸²⁾

Conclusão

Objetivamente diremos que a nossa percepção, tomando como base tudo aqui mencionado, é que, de fato, há habitações em Júpiter, mas seríamos tolos em pensar que sejam exatamente como as nossas, uma vez que se trata de planeta cuja constituição física é, seguramente, diferente da Terra, e, além disso, os seus habitantes são moralmente bem mais evoluídos do que nós.

Continuamos a afirmar que ao produzir uma pesquisa nosso objetivo não é contestar a quem quer que seja, nossa intenção é apenas fornecer elementos para que os que forem nos ler tenham condições de formar sua própria opinião, uma vez que nunca tentamos forçar os outros a seguir a nossa concepção originada dessas pesquisas.

Especificamente quanto ao desenho da casa de Mozart em Júpiter, sem nenhuma dificuldade, podemos até considerá-lo como fruto da criatividade

ou apenas uma fantasia do autor espiritual, porém, isso, necessariamente, não significa dizer que não há habitações no planeta.

Encerrando, diremos que vale lembrar esta fala do Codificador:

Os contos de fadas estão cheios de coisas absurdas, mas quem sabe se não contém, de alguma sorte e em parte, algo do que se passa no mundo dos Espíritos? [...].⁽⁸³⁾

Portanto, as habitações de Júpiter, ainda que fruto da imaginação, podem trazer um fundo de verdade.

Referências bibliográficas

- FLAMMARION, C. **A Pluralidade dos Mundos Habitados**. (PDF) s/informações, 2011.
- FLAMMARION, C. **As Forças Naturais Desconhecidas**. Limeira (SP): Conhecimento, 2011.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. FEB: Brasília, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília: FEB, 2014.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP): IDE, 2001.

RULOF, J. **Uma Olhada no Além**. Holanda: O Século de Cristo, 2015.

Internet:

BERNARDES, T. *Diferentes categorias de mundos habitados*, in. *O Consolador* nº 27, disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/27/esde.html>. Acesso em: 02 nov. 2022.

FEESP, *Camille Flammarion*, disponível em: <https://www.feesp.com.br/camille-flammarion/>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Criações Fluídicas: Um Breve Ensaio*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/999-criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio>. Acesso em: 08 nov. 2022.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Manifestações de Espíritos de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Ocorrem)*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/653-manifestacoes-de-espírito-de-pessoa-viva-em-que-condicoes-elas-ocorrem-ebook>. Acesso em: 16 fev. 2024.

WIKIPÉDIA, *Benvenuto Cellini*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Benvenuto_Cellini. Acesso em: 05 ago. 2023.

WIKIPÉDIA, *Bernard Palissy*, disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Bernard_Palissy. Acesso em: 05 ago. 2023.

- WIKIPÉDIA, *Diógenes de Sinope*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%B3genes_de_Sinope. Acesso em: 05 ago. 2023.
- WIKIPÉDIA, *Eugène Scribe*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Eug%C3%A8ne_Scribe. Acesso em: 07 ago. 2023.
- WIKIPÉDIA, *François Arago*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7ois_Arago. Acesso em: 23 set. 2018.
- WIKIPÉDIA, *Johann Heinrich Lambert*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Heinrich_Lambert. Acesso em: 03 nov. 2022.
- WIKIPÉDIA, *Júpiter*, disponível em:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%Bapiter_\(planeta\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%Bapiter_(planeta)). Acesso em: 09 nov. 2022.
- WIKIPÉDIA, *Louise Charly*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Louise_Lab%C3%A9. Acesso em: 05 ago. 2023.
- WIKIPÉDIA, *Mozart*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Wolfgang_Amadeus_Mozart. Acesso em: 05 ago. 2023.
- WIKIPÉDIA, *Pe. Quevedo*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Padre_Quevedo. Acesso em: 03 nov. 2022.
- WIKIPÉDIA, *São Luís*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%As_IX_de_Fran%C3%A7a. Acesso em: 05 ago. 2023.
- WIKIPÉDIA, *Victorien Sardou*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Victorien_Sardou. Acesso em: 02 nov. 2022.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de `Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Chico*

Xavier: uma alma feminina; 9) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?; 10) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 12) A Mulher na Bíblia; 13) Todos Nós Somos Médiuns?; 14) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 15) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 16) Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação; 17) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 18) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 19) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 20) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 22) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 23) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 24) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 25) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 26) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 27) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; e 28) Reencarnação e as Pesquisas Científicas, e 29) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia).

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 55, p. 92.
- 2 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 55, p. 92.
- 3 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questões 56 e 57, p. 93-94.
- 4 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. III – Há muitas moradas na casa de meu Pai, item 9, p. 54
- 5 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 58, p. 93.
- 6 BERNARDES, Diferentes categorias de mundos habitados, in. *O Consolador* nº 27, disponível em:
<http://www.oconsolador.com.br/27/esde.html>
- 7 Tema tratado em *O Livro dos Espíritos*, Livro II, cap. VI – Vida Espiritual, tópico “Mundos transitórios”, questões 234 a 236-e.
- 8 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 65.
- 9 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 65-66.
- 10 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 71-73.
- 11 WIKIPÉDIA, *Victorien Sardou*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Victorien_Sardou
- 12 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 108.
- 13 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 108-112.
- 14 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 202-203.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 93.
- 16 SILVA NETO SOBRINHO, *Criações Fluídicas: Um Breve Ensaio*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/99-9-criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio>
- 17 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 204.
- 18 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 222.

- 19 Nota da transcrição (N.T.): É preciso, todavia, deles excetuar certos animais munidos de asas e reservados para o serviço aéreo, e para os trabalhos que exigiriam, entre nós, o emprego de madeiramentos. São uma transformação da ave, como os animais descritos mais acima são uma transformação dos quadrúpedes.
- 20 N.T.: A densidade de Júpiter sendo de 0,23, quer dizer, um pouco menos de um quarto da Terra, o Espírito nada disse aqui senão de muito verossímil. Concebe-se que tudo é relativo, e que sobre esse globo etéreo tudo seja etéreo como ele.
- 21 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 223-232.
- 22 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 232.
- 23 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 264.
- 24 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 209-210.
- 25 Júpiter é muito maior do que a Terra e consideravelmente menos denso: seu volume corresponde a 1 321 vezes o da Terra, mas sua massa é apenas 318 vezes maior. O raio de Júpiter é aproximadamente 1/10 do raio solar, e sua massa é 0,001 a massa solar, portanto as densidades dos dois corpos são similares. (WIKIPÉDIA, Júpiter, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BApiter_\(planeta\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BApiter_(planeta)))
- 26 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 319-320.
- 27 SILVA NETO SOBRINHO, *Manifestações de Espíritos de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Ocorrem)*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/653-manifestacoes-de-espirito-de-pessoa-viva-em-que-condicoes-elas-ocorrem-ebook>
- 28 Luís IX (1214-1270), mais conhecido como São Luís, foi o Rei da França de 1226 até sua morte e um santo da Igreja Católica. (WIKIPÉDIA, *São Luís*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_IX_de_Fran%C3%A7a)

- 29 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 111.
- 30 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 353.
- 31 Bernard Palissy (1510-1589), oleiro francês, engenheiro hidráulico e artesão. (WIKIPÉDIA, *Bernard Palissy*, disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Bernard_Palissy)
- 32 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 72.
- 33 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 108-114.
- 34 Mozart (Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), compositor austríaco (WIKIPÉDIA, *Mozart*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wolfgang_Amadeus_Mozart)
- 35 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 137-142.
- 36 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 139.
- 37 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 202.
- 38 Louise Labé (1524-1566) nascida Louise Charly dita La Belle Cordière (A Bela Cordoeira), uma poetisa francesa. (WIKIPÉDIA, *Louise Charly*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Louise_Lab%C3%A9)
- 39 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 346.
- 40 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 347.
- 41 Diógenes de Sinope (404 ou 412 a.C.-c. 323 a.C.), também conhecido como Diógenes, o Cínico, foi um filósofo da Grécia Antiga. (WIKIPÉDIA, *Diógenes de Sinope*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%B3genes_de_Sinope)
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 21.
- 43 Benvenuto Cellini (1500-1571), artista da Renascença, escultor, ourives e escritor italiano. (WIKIPÉDIA, *Benvenuto Cellini*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Benvenuto_Cellini)
- 44 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 100.

- 45 Augustin Eugène Scribe (1791-1861) foi um importante dramaturgo e libretista francês. (WIKIPÉDIA, *Eugène Scribe*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eug%C3%A8ne_Scribe)
- 46 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 309-310.
- 47 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 310.
- 48 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 81-84.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 84-85.
- 50 FEESP, *Camille Flammarion*, disponível em: <https://www.feesp.com.br/camille-flammarion/>
- 51 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 193-194.
- 52 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 29.
- 53 FLAMMARION, *As Forças Naturais Desconhecidas*, p. 44.
- 54 FLAMMARION, *A Pluralidade dos Mundos Habitados*, p. 171-173.
- 55 FLAMMARION, *A Pluralidade dos Mundos Habitados*, p. 173-175.
- 56 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 162.
- 57 Johann Heinrich Lambert (Mulhouse, 26 de agosto de 1728 - - Berlim, 25 de setembro de 1777) foi um matemático suíço radicado na Prússia. (WIKIPÉDIA, link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Heinrich_Lambert)
- 58 N.T.: O estado de nossos conhecimentos fez um progresso imenso e inesperado desde a primeira edição desta obra (1862), graças à análise espectral dos planetas e ao aperfeiçoamento dos instrumentos de óptica, de um lado, e por outro lado graças às conquistas realizadas na química orgânica e na fisiologia geral. A obra que acabamos de publicar, *Les Terres du Ciel* tem precisamente o objetivo de estudar as condições de vida dos habitantes dos outros mundos, e se evitamos supor as formas desses seres, pelo menos procuramos saber as adaptações orgânicas que parecem as mais prováveis.

(Nota de 25ª edição.)

- 59 FLAMMARION, *A Pluralidade dos Mundos Habitados*, p. 191-192.
- 60 FLAMMARION, *A Pluralidade dos Mundos Habitados*, p. 202.
- 61 FLAMMARION, *A Pluralidade dos Mundos Habitados*, p. 197-198.
- 62 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 245.
- 63 N.T.: N. da T.- Escritor dramático francês.
- 64 N.T.: (N. da T.) - Um dos mais famosos ceramistas franceses, foi também artesão, decorador, engenheiro, agrônomo, naturalista, geólogo, químico e escritor.
- 65 FLAMMARION, *As Forças Naturais Desconhecidas*, p. 41-43.
- 66 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 140.
- 67 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 111.
- 68 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 209.
- 69 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 319.
- 70 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 108.
- 71 Óscar González-Quevedo Bruzón, mais conhecido como Padre Quevedo, foi um padre jesuíta de origem espanhola naturalizado brasileiro desde 1960. Foi professor universitário de Parapsicologia na UNISAL e do Centro Latino-Americano de Parapsicologia até o ano de 2012, quando se aposentou. [Ferrenho adversário do Espiritismo] (https://pt.wikipedia.org/wiki/Padre_Quevedo)
- 72 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 204.
- 73 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 222.
- 74 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 32-33.
- 75 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 34.

- 76 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 108.
- 77 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 116.
- 78 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 392.
- 79 RULOF, *Uma Olhada no Além*, p. 478-479.
- 80 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 195.
- 81 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 290.
- 82 FLAMMARION, *As Forças Naturais Desconhecidas*, p. 311.
- 83 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 173.